

XIV.

Tartareo Jove (diz) do fogo eterno,
 Que , porque o igneo mundo em verte trema,
 Te honraõ a testa , e rosto sempiterno,
 Serpes feras por lucido diadema :
 Tendo entre as sombras do temido Averno
 Imperio , e dignidade taõ suprema
 Que o fogo que descer nunca podera,
 Desce por ti de sua propria esfera.

XV.

Proserpina triforme , triste esposa
 Do graõ Plutaõ , em cuja monarchia
 Coube a parte do mundo tenebrosa,
 Que com seus rayos naõ visita o dia:
 Eterna noite aos homens temerosa,
 Filha de chaos , em cuja sombra fria
 Nocturnas aves as regioens serenas
 Cortando vaõ com carregadas pennas.

XVI.

Triste Cocito , Phlegetonte escuro,
 Que de Dite cercais a graõ cidade,
 Cujõ alcaçar soberbo está seguro
 Contra o poder da longa eternidade:
 Enfermas casas , abrazado muro,
 Moradas da fatal necessidade,
 Inimigo do Sol , Reyno do espanto,
 Portas abri a meu forçoso encanto.

XVII.

Vós Radamanto , e Minos poderoso
 Deixai da urna leve o movimento,
 Dai favor ao que peço , e o cavernoso
 Inferno abri , e ignifero aposento ,
 Para que possa Ulysses valeroso
 Entrar no escuro Reyno do tormento ,
 Eumenides horrendas, que tomastes
 Vivo, intento cabello de Ceraestes.

XVIII.

E tu que as tristes aimas vas passando,
 Cujó pezado remo as ondas corta
 De Cocito abrazado , navegando
 Para o Reyno da morte a gente morta:
 Tu Cerbero indignado , que ladrando
 Guardas o lumiar da ferrea porta,
 Para que nessa regia taõ temida
 Nada entrar possa , sem deixar a vida.

XIX.

Se alguma cousa tenho merecido
 Sacros numes, havendo convocado
 Vossa deidade, e victima offrecido
 No altar a vossos nomes dedicado :
 Se de algum tenro infante desparfido
 Vistes o puro sangue, que arrancado
 Das tetas foy da mãy, ou propria ama,
 Segui quem vos invoca, e quem vos chama.

Vendo

XX.

Vendo que tarda hum circulo, e figura
 Em roda pinta, e nelle recolhida
 Co' pé descalço fere a terra dura,
 Contempla a luz de Phebe amortecida,
 Move a vara, que já da sombra escura
 Almas trouxe a informar com nova vida
 Seu primeiro cadaver, e levanta
 A voz, batendo a terra a dura planta.

XXI.

Sentio Phebe o encanto, e de affrontada
 Encolhe os rayos, com que a noite arrea,
 De negras nuvens mostra rebuçada
 A face, que imitava a luz Febea:
 Ficou a natureza perturbada,
 O Ceo tornase escuro, a noite fea,
 Tudo se vê alterado de improviso,
 O Ceo, a bella Cinthia, o negro abyso.

XXII.

Eis que o bosque se move, e o negro vento
 Ferve entre os ramos com mortal ruido,
 Treme a terra em seu proprio fundamento,
 Nos baixos valles, e no monte erguido:
 De passaros nocturnos o violento
 Gemido se ouve, e aspero latido
 Dos caens por entre a sombra, que mostrava,
 Que a seus rogos a deola se inclinava.

Olhan

XXIII.

Olhando para Ulysses lhe dizia:
 Agora he occasiaõ, Grego famoso,
 D'outro esforço mayor nova ousadia,
 Que hoje te importa mais ser valeroso:
 Segueme, e logo entrava, elle a seguia
 Turbado o coração, mas naõ medroso,
 No punho a espada, e pela cova dentro
 As sombras piza do temido centro.

XXIV.

Agora Clio . Euterpe , e Melpomene
 Voslo favor espero, que me acuda,
 Que nas facundas aguas de Hypocrene
 Deis voz sonora a minha lingua ruda:
 Porque as penas sem ordem alguma ordene
 Da eterna noite, e desta sombra muda
 Diga os segredos, que no seyo encerra
 Preenhe de chammas a abrazada terra.

XXV.

Já venciaõ com passo errante os medos
 Da escura entrada, donde os carregados
 Ramos de seus confusos arvoredos
 Do ar (por mór terror) saõ meneados:
 Quando chegaõ ao pé d'altos rochedos,
 Onde do lago Estigio os abrazados
 Fogos, que da outra parte ao ar subiaõ,
 Sua corrente a espaços descobriaõ.

XXVI.

Com esta escura luz se dividava
 Hum batel, que atravessa lentamente,
 Que o cansado Charonte navegava,
 Oppondo o braço á rapida corrente:
 Chega á praya, quem eraõ perguntava,
 Contra os dous move o passo diligente,
 E conhecendo a Circe, lhe declara,
 Como Hecate, que os passe, lhe mandara.

XXVII.

Era Charonte velho, a que cobria
 A vista a sobancelha carregada,
 E sobre o pardo peito lhe cahia
 A espessa barba nunca penteada:
 Os membros nús, que a partes descobria
 A roupa de longo uso maltratada,
 Velho porém robusto por extremo
 Com forças aptas ao pezado remo.

XXVIII.

Logo as miserables almas, que esperando
 Passar, as largas prayas habitavaõ,
 Vendo a Uiysses armado, o vaõ cercando,
 Que de tal novidade se admiravaõ:
 Por entre as sombras outras vaõ voando,
 Em quanto o escuro rio naõ passavaõ,
 Como as aves, que vendo ao Sol distante,
 Passaõ do hesperio Calpe ao mouro Atlante.

Que-

XXIX.

Queria atravessar o rio escuro,
 Charonte no pesado remo pega,
 Onde para subir Ulysses duro
 Firma o pé, mete o remo, o batel chega:
 Geme co' pezo o barco mal seguro,
 Elle as almas aparta, entra, e navega,
 A rota vella o ar defencolhendo,
 Os remos igualmente vay batendo.

XXX.

Sahem na deserta praya, e vaõ subindo
 Por huma estrada, ao parecer formosa,
 Viaõ graves vifoens, naõ lhe impedindo
 Do Inferno a livre entrada, e temerosa:
 Gritos soaõ, que os montes repetindo,
 A jornada faziaõ duvidosa,
 E a pouco espaço a porta vem do Inferno,
 Que hum medo infunde, e hum pavor interno.

XXXI.

Vem as soberbas torres de aço puro,
 Que naõ temem de Jove o forte braço,
 E os negros lenços do abrazado muro,
 Que guarda, e cinge o temeroso paço:
 O lume, que arde dentro, inda que escuro,
 As sombras vence por hum grande espaço,
 Que pelas bocas, que no muro abria,
 Linguas de immortal fogo despedia.

XXXII.

Das torres pelos ares levantadas
 Se vê co' a luz do fogo a architectura,
 Naquelle parte em pé, nesta gastadas
 Por entre a confusão da noite escura:
 De fumo nuvens densas, e dobradas
 Sobem do ar impuro á mór altura,
 Bramaõ graves trovoens continuamente,
 Donde se precipita o rayo ardente.

XXXIII.

Phlegetonte das casas, onde habita
 A eterna noite, os muros vay lambendo,
 Espadananas de fogo, com que imita
 Os rios, pelas margens brota ardendo:
 Nas ondas, que do centro ao ar vomita,
 O espumoso rio está fervendo,
 Vendose as almas, que arrojava o centro,
 Sahir ao alto, e recolherse dentro.

XXXIV.

Alli hum graõ portal se vê cortado
 Em penha viva, aonde a vista alcança
 N'um bronze, em letras igneas entalhado,
 Quem entra, deixa aqui toda a esperança:
 Alli se via Cerbero indignado,
 A quem de massa soporada lança
 Circe graõ parte, e logo resupina
 A triforme cabeça a fera inclina.

XXXV.

Cahe a fera disforme amortecida
 Em grave somno, e sem vigor prostrada,
 Logo a Esphinge se vê dura, e temida
 Dos filhos de Philyra acompanhada:
 Da Chimera, e da Hydra embravecida
 A fahida da porta está guardada,
 E co' a fouce fatal de agudo corte
 Preside a todos a invencivel morte.

XXXVI.

Alli a soberba está, que por empreza
 Toma atreverse a Jupiter celeste,
 Está a seu lado a inveja em fogo aceza,
 Que os membros nus mordendo apenas veste:
 O triste, e frio medo, a vil pobreza,
 A pallida avareza, a mortal peste,
 Outros monstros se vem, a quem fazia
 O somno irmão da morte companhia.

XXXVII.

Na temerosa porta se detinha
 Ulysses, que ao entrar está patente,
 Plutaõ triste, e pezado o rosto tinha,
 E a vista nelle poem fera, e ardente:
 Sobre o robusto corpo ao ar caminha
 A testa em grandes cornos eminente,
 Irado aos monstros grita, que tremendo
 Se apartaõ co' terror do brado horrendo.

Todos

XXXVIII.

Todos fizeraõ praça, e rodearaõ,
 Com presteza cercando a Ulysses forte
 Estranhos vultos, e horridos mostraraõ,
 E na vista hum terror da mesma morte:
 A terra alguns de formas estamparaõ
 Ferinas de estupenda, e varia sorte,
 Diante estavaõ Furias inclementes,
 Toucadas de cabellos de serpentes.

XXXIX.

Alli se vem Harpias, indomados
 Centauros, vemse Gorgonas temidas
 Soberbos Gerioens, que levantados
 Tres almas mostraõ ter num corpo unidas:
 Sybilaõ Hydras, e Pitoés irados,
 Briareos, Ephialtes homicidas,
 Sem se poder julgar nesta incerteza
 Se he mór a fealdade, se a fereza.

XL.

Circe lhe diz: O' Rey do fogo puro,
 Do graõ Saturno, e de Opé peregrina
 Filho, e irmaõ do soberano Anxuro,
 Charo esposo da bella Proserpina:
 Tu, que este Reyno do tormento escuro
 Governas, e com traça alta, e divina
 Em desconcerto, e triste horror ordenas
 Conforme ás culpas as temidas penas.

XLI.

Permitte a Ulyffes, que do lago Averno,
 Que teu imperio, e teu aceno adora,
 Penetre os feyos, e do escuro Inferno
 Antes que ao mundo faya a roxa Aurora:
 Manda que pare este tormento eterno,
 E aos espiritos nús a vingadora
 Alecto deixe em paz, fem offendellos
 Co' venenoso açoute dos cabellos.

XLII.

Concedelho Plutaõ, e logo acena
 Aos severos ministros, e cessavaõ
 Os gritos, fufpendendo a dura pena,
 Com que as almas té entaõ se atormentavaõ:
 E porque faibaõ todos o que ordena,
 Megera com as irmãs, que a acompanhavaõ,
 Filhas da noite, huma trombeta toca,
 A que dá immundo alento a negra boca.

XLIII.

Soa o metal ferido horrendamente
 Cum tom rouco, terrivel, efpantoso,
 Dobraõse os ecos, como quando o ardente
 Trovaõ passa com brado temeroso:
 Torna atras de Cocito a graõ corrente,
 E entre as ondas do fogo poderoso
 As almas fe erguem, e cada huma efpera
 O que manda a feviffima Megera.

XLIV.

Vencendo as negras sombras vão entrando
 Ulysses valeroso, e a sabia guia,
 Ambos com prompta vista hiaõ notando
 As varias penas, que no Inferno havia:
 Vem as intensas chammas, que ondeando
 De fogo huma seara parecia,
 Que sem materia alguma se sustenta,
 E impassiveis espiritos atormenta.

XLV.

Alli vem dentro quanto o mundo abarca,
 A'quella breve estancia reduzido,
 O miseravel pobre, e o Monarcha,
 Hum desprezado cá, outro temido:
 Todos iguala a inexoravel Parca,
 Que a miseria, e grandeza he hum vestido
 Que se despe ao morrer, e só o espirito
 He o nobre, he o immortal, he o infinito.

XLVI.

Qual sem considerar seu nascimento
 Fraco, e mortal, se julga por divino,
 Fundando torres sobre o leve vento,
 Sendo tudo vaidade, e desatino:
 Só tem a fama eterno fundamento,
 Porque o valor mais raro, e peregrino
 He filho d'alma, e o tempo não se atreve
 Quebrar as taboas, onde a fama escreve.

XLVII.

Vós os que os doces ares da privança
 Bebeis, andando nella transportados,
 Sabei, que a forte humana não descança;
 O rayo busca os montes levantados:
 A gente que vos segue, e que vos cança
 Quando passais temidos, e adorados,
 Se se ajoelha, adora, e se importuna,
 Não se dá a honra a vós, dáse á fortuna.

XLVIII.

Por entre as roxas flammás, que ondeavaõ,
 Já o grande Grego, e Circe se metiaõ,
 E as almas, que de vellos se admiravaõ,
 Pela vista o tormento suspendiaõ:
 Já ao grave, e duro tribunal chegavaõ,
 Onde crueis sentenças proferiaõ
 (Quaes se não viraõ mais com rigor tanto)
 Minos, Eaco, e o fero Radamantho.

XLIX.

Aqui Circe lhe diz, saõ accusados
 De ferreas almas duros homicidas,
 Que dissimulaõ animos danados
 Tendo os rostos por mascaras fingidas:
 Vês Proustes arder que aos convidados
 Matava, onde por preço destas vidas
 A sua deo, fazendo, quando a perde,
 Purpurea de Cephiso a margem verde.

L.

Este, que vês estar mais adiante
 Com a abrazada purpura vestida,
 Que tem na mão o cetro rutilante
 Insignia taõ amada, e taõ temida,
 He Polimnestor, que o formoso infante
 Polidoro privou da doce vida,
 Sem lhe guardar a fé, que promettera
 A Hecuba, que o filho em guarda dera.

LI.

Vês Mamertes Corinthio, que atrevido
 As leys da natureza em pouco teve,
 Porém que coração não tens vencido
 Da pezada coroa ambição leve?
 Na espada de Syfapo cahe rendido,
 Paga co' sangue, o que a seu sangue deve;
 E agora passa áquelle carro atado
 Dos velozes cavallos arrastado.

LII.

Aqui arde Eriphyle, porque entrega
 O pobre Amphiarao á dura Argia,
 Que a tanto a vil cubiça humana chega,
 Que em odio paga o que em amor devia;
 Vês Perseo, e Scyla com vontade cega
 De ambição, e de amor, que se atrevia
 Elle matar o Rey famoso Acriso,
 Cortar ella o cabello ao velho Niso.

LIII.

Vês as netas bellissimas de Bello,
 Que o iniquo mandado executaraõ
 Do pay, e por melhor obedecello
 Os miseros esposos degollaraõ:
 Que junto ao triste rio por vencello
 Em vaõ nas negras ondas trabalharaõ,
 Vês como a dura pena merecida
 Paga Orestes, e Agyrtes fraticida.

LIV.

Nestoutro tribunal com recta vara
 Se punem insolentes tyrannias,
 Este he Phinen co' as mesas, que prepara
 Povoadas de exquisitas iguarias:
 Porque os filhos privou da vista chara
 Lhas levaõ imanissimas Harpias
 Sempre faminto está, sempre inquieto
 Sem lhe poder valer Calais, ou Zeto.

LV.

O que entre o rio, e ramos mal seguros
 A mór sede á mór fome se provoca
 Sem os pomos poder lograr maduros,
 E sem a magoa tocar a ardente boca:
 He Tantalos, que impuro aos deoses puros
 Deo o filho em manjar, a quem só toca
 Ceres, e aquella parte, que comera,
 Lhe deo eburnea na melhor esfera.

Aquelle

LVI.

Aquelle, que alli vês arder entre estes,
 He filho da formosa Hypodamia,
 Que por poder vingarse de Thiestes
 O filho offereceo por iguaria:
 O Sol seus rayos escondeo celestes
 De taõ infame mesa aquelle dia;
 Vês o cruel Diomedes, e Tiphonte
 Syron, Orcamo, Agiro, e Licaonte.

LVII.

De ver os Reys no inferno está admirado
 Ulysses, tendo a Jove taõ propicio,
 Que no mundo lhe deo tamanho estado,
 Que he de favor divino grande indicio:
 Aqui, diz Circe, tem aparelhado
 O seu castigo, os maos por beneficio
 Dos bons, e poucos Reys o inferno encerra;
 Porque entre poucos se divide a terra.

LVIII.

Aqui verás Fallacia estar ouvindo
 Os amantes, que insanamente arderaõ,
 Vê Ticio, a que o abutre está ferindo
 As fibras, que feridas renasceraõ:
 Porque de amar Latona presumindo
 Seus lascivos desejos a offenderaõ,
 Tendo morte immortal, por ser pequena
 Para taõ grande mal taõ grande pena.

LIX.

Vês logo junto a filha de Cynara,
 Que de seu torpe amor não teve pejo;
 Dando por elle a fama, e vida chara,
 Que custa a vida, e fama hum vil desejo:
 Enriqueceo Arabia, donde pára,
 Que nisto pára sempre amor sobejo,
 Vê Menefron como o castigo teve
 Entre o rigor da congelada neve.

LX.

Alli vê os que amaraõ insanamente,
 Vê Machareo a que abrazou Canace,
 Vê o pay de Cyane juntamente,
 E com Cassandra o valeroso Aiace,
 De Neusimene os filhos, a excellente
 Biblis com triste, e vergonhosa face,
 E tu, que em chãma intensa te abrazaste
 Co' filho de Antenor bella Lycaste.

LXII.

Preside aqui Laverna aos que viveraõ
 De latrocínios grandes, e infestaraõ
 A terra, lhe diz Circe, e não temeraõ
 A Jove, cujos rayos provocaraõ:
 Marchilas, a que os povos se renderaõ,
 Que a sylva Dodonea povoaraõ,
 Tytigias taõ temido em dura guerra,
 E o soberbo Egeon filho da terra.

LXII.

Isto dizendo, chegaõ onde ouviaõ
 De arrastadas cadeas graõ ruido,
 Que as abobadas negras repetiaõ
 Com terrivel, e asperrimo bramido,
 Amargas vozes, que foando criaõ
 N'alma pavor, e magoa no sentido,
 Aqui se vê, diz Circe, o fogo eterno
 Do Tartaro cruel, do baixo Inferno.

LXIII.

Aqui os casos se punem mais pezados
 Dos que já contra os deoses se atreveraõ,
 Aqui tem os gigantes debellados
 As penas, que suas obras mereceraõ:
 De cuja força os polos enfiados,
 Vendose acometer, estremeceraõ,
 Quando no Phlegreo campo o soberano
 Jove os ferio c'os rayos de Vulcano.

LXIV.

Vês alli dos Aloides gigantes
 Ephialtes, e Otho a quem encerra
 Jupiter, atrevendose arrogantes
 Para o deitar do Ceo subir da terra:
 De Diana, e de Apollo as penetrantes
 Settas provarãõ na sanguinea guerra,
 E Phlegias Rey dos Lapitas famoso,
 Que o templo á Apollo abraza sumptuoso.

Vês

LXV.

Vês feu filho Ixion, que á roda atado
 Do baixo ao alto della vay subindo,
 Para ao centro descer arrebatado,
 Correndo vay tras si, de si fugindo:
 Porque daquelle gosto imaginado
 As glorias vans ao mundo descobrindo
 Se gabou que na nuvem, que abraçara,
 Da consorte de Jupiter gozara.

LXVI.

Vês Lauzo, Capaneo, Glauco arrogante,
 Que contra os deoses peleijar se atreve,
 E Pentheo, de quem Bacho petulante
 Taõ offendido, e desprezado esteve:
 Vês as filhas de Preto, que á prestante
 Venus negaõ a gloria, que se deve
 A feu rosto excellente, e peregrino
 Prepondo o ser humano ao ser divino.

LXVII.

Vês acolá Salmonio ir arrastando,
 Porque igualarse a Jupiter queria,
 Quando com veloz carro atravessando
 Sobre huma ponte de metal corria:
 De Jupiter o estrepito imitando
 Dos trovoens, que imitar-se mal podia,
 Medindo o que ha do centro á altiva ponte,
 Emulo do abrazado Phaetonte.

LXVIII.

Lá no mais fundo estão metidos
 Em mayor fogo, e com mayor affronta
 Os que com rostos falsos, e fingidos
 Querem q' o mundo os tenha em melhor conta:
 Que montaõ apparencias, e vestidos,
 E a falsa opiniaõ tambem que monta,
 He o hypocrita falso nova Esfinge,
 Porque he pessimo o mau, se bom se finge.

LXIX.

Se contar por extenso te quizerá,
 Quanto nesta regiaõ de luz avara
 Se esconde, em fogo, e sonibra mal podéra,
 Que tanta confusaõ mal se declara:
 Se mil bocas, e linguas mil tiverá,
 E com todas a hum tempo te fallara,
 Querer comprehender tudo era grande erro,
 Tendo entranhas de bronze, e voz de ferro.

LXX.

Do que Ulysses ouvira, e do que via
 C'os olhos cheos de agua, e sentimento,
 O' triste humana condiçaõ, dizia,
 O' eterna affiçaõ do pensamento:
 Num ponto acaba esforço, e galhardia,
 Seguemse eternos annos de tormento;
 Mas, com que fundamento culparemos
 A propria condiçaõ, com que nascemos!

LXXI.

Hiaõ vendo ao passar do graõ Letheo
 O triste, e negro pego, onde se viaõ
 Os que por seu viver infame, e feo
 Eterno esquecimento mereciaõ :
 E os que tratando o espirito como alheo
 Lhe fervio a alma só, com que viviaõ
 De sal, com que nos annos que duraraõ
 Os corpos incorruptos conservaraõ.

LXXII.

Chegaõ de Erebo aos muros levantados,
 E Circe diz : Aqui Plutaõ encerra
 Os varoens, cujos feitos sublimados
 Merecem fama, e nome sobre a terra :
 E os que em virtudes altas estremados
 Na branda paz, e sanguinosa guerra
 Com grandes obras, dignas de alta historia,
 Compraõ com breve vida eterna gloria.

LXXIII.

Aqui no grande Erebo vaõ passando,
 Os largos annos, que Plutaõ lhe ordena,
 O alto, e nobre espirito apurando
 Só na esperanza de sahir da pena :
 Daqui ao campo Elyfio caminhando,
 Regiaõ mais alegre, e mais serena,
 Por onde as almas já purificadas
 Sobem ás estelliferas moradas.

Entra.

LXXIV.

Entraraõ ambos dentro, onde encontravaõ
 Muitos Gregos, que em Troya feneceraõ,
 Co' as proprias armas, com que pelejavaõ,
 Co' as feridas que nella receberaõ:
 No meyo as almas Gregas o tomavaõ,
 E grande espaço alli se detiveraõ,
 Entre os claros espiritos cercado
 O grande Ulysses resplandece armado.

LXXV.

A velo corre Agamenon, que vinha
 Ferido, a quem Ulysses abraçava,
 Do ferro o peito atraveßado tinha,
 De que o sangue ainda fresco lhe manava:
 Alli lhe diz, em quanto se detinha,
 Co' a voz que dentro n'alma se formava
 Ao caso inopinado, e nunca visto,
 Deo Clytemnestra a causa, o ferro Egisto.

LXXVI.

Pallido encontra Achilles, e turbado,
 A quem Patroclo segue mal ferido,
 Para abraçallo corre acelerado
 O Capitaõ, dizendo, que atrevido
 Ferro pode tocarte? Elle admirado
 De o ver responde, quando fui metido
 Na estige, as plantas na agua naõ tocaraõ,
 Por onde os fados seu caminho acharaõ.

LXXVII.

Chegandose nos braços o apertava,
 E tello Ulysses nelles presumindo,
 Aquella mesma sombra que abraçava,
 Delles se desatava, e hia fogindo:
 O grande Heytor de o ver se perturbava
 Como que a gente Grega o vem seguindo,
 E os Troyanos heroes, que alli se achavaõ,
 Alterados de vello se apartavaõ.

LXXVIII.

Alli as almas se vem na sombra escura,
 Dos que o fio cortou a Parca impia,
 Levando-os a encerrar na sepultura
 Das entranhas da mãy, sem ver o dia:
 E os que tendo gozado da luz para,
 Arrebatou com mão pezada, e fria
 Dos peitos, de quem Rumia tem tomado,
 Como adoptiva mãy, novo cuidado.

LXXIX.

Passando vaõ aos campos venturosos,
 Onde os espiritos tem doces moradas,
 E da morte, e seus males victoriosos
 Tem o gosto, que as penas saõ passadas:
 Por entre bosques altos, e frondosos
 Ao longo de ribeiras socegadas
 Em danças, em choreas, e alegrias
 Passaõ num dia eterno eternos dias.

LXXX.

No Elyfio campo hum valle está sombrio,
 Por mór veneração de bosque escuro,
 A que huma nuvem cobre, e hum fresco rio
 Com manfa vea corta alegre, e puro:
 Alli do tempo o ordenado fio
 Guarda espiritos gentis, que no futuro
 Huns haõ de fer na paz, outros na guerra
 Dynaftas, femideofes sobre a terra.

LXXXI.

Aqui, lhe diz, do imperio Lusitano
 Para onde o fado, e claro Ceo te chama,
 Os Reys verás, que iraõ pelo Oceano
 Té ver do Sol dourado a ignea cama:
 Por elles ao famoso Tejo ufano,
 (Escurecendo toda a antiga fama)
 Ajoelhados de longe, o mar abrindo,
 A maõ viraõ beijar o Gange, e o Indo.

LXXXII.

Dizlhe Ulyffes entaõ: O' poderosa
 Deosa, que com altivo pensamento
 Na sombra escura, e esfera luminosa
 Podes o centro abrir, e o firmamento,
 Mostrame esta profapia gloriosa,
 E deixame adorar o fundamento
 Da illustre Lusitana Monarchia,
 A quem a fabia Circe respondia.

Aqui

LXXXIII.

Aqui verás na idade derradeira
 Da generosa estirpe Lusitana
 Os varoens, que procedem da primeira
 Raiz do velho Henrique soberana:
 Verás, que inda que a fama lisongeira
 No que nos conta ás vezes nos engana,
 Aqui diz menos, que a immortal memoria
 Delles honrará viva, e morta historia.

LXXXIV.

Aquelle varaõ forte, que diante
 Vés de todos, taõ bravo, e taõ guerreiro,
 Nos membros robustissimo gigante,
 He o grande Henrique, illustre Cavalleiro,
 Lusitano Mavorte, que arrogante
 A forte lança empunha elle primeiro
 Com força, que as humanas muito excede,
 Matando no inimigo sangue a sede.

LXXXV.

Este em dourado jugo de Himeneo
 Ligado co' a bellissima Tareja,
 Pondo ao Mouro atrevido honroso freo,
 Encherá Hespanha de gloriosa inveja:
 Té as partes, onde foy vencido Antheo,
 Lhe foge o Agareno, que deseja
 Esconderse da lança ensanguentada,
 Mostrando a nua espalda em vez da espada.

Junto

LXXXVI.

Junto delle está Affonso de alto aspeito;
 Que tem no punho a espada vencedora,
 A quem ficará sendo imperio estreito
 O que ha do frio Occaso á roxa Aurora:
 Este com firme, e invencivel peito
 Da gente, que nos Caspios montes mora,
 Cinco Reys vencerá, pondo a Lisboa
 Das cinco huma dignissima coroa.

LXXXVII.

Vencerás o inimigo, ó Rey famoso,
 Digno deste triumpho illustre, e claro,
 Pizando os estandartes victorioso,
 Que contra ti tremola o Mouro avaro:
 Da Maura infania açoute milagroso,
 Por quem milita o Ceo com favor raro,
 Vendo a teus pés mil vezes arrazado
 O vivo muro do inimigo armado.

LXXXVIII.

Mandará vir o Ceo para ajudarte
 Guilherme illustre da inclita Alemanha;
 Childe Rolim de Flandres novo Marte,
 Que no cerco te segue, e te acompanha:
 O perigo entre todos se reparte,
 De sangue alheyo, e seu cada hum se banha,
 Que entraõ na empreza os fortes Cavalleiros
 Como vaslалlos não, mas companheiros.

O que

LXXXIX.

O que está junto delle he o excellente
 Sancho, do mundo assombro, e maravilha;
 Por quem verá Albayaque ir a corrente
 De Alquibir fanguinosa á graõ Sevilha,
 A quem depois Miramolim potente
 A ceryiz com mais treze ao jugo humilha,
 Que faz co' ferro abrindo negras veas,
 Purpurear as pallidas areas.

XC.

Vês o segundo Affonso, que manchada,
 Por fer de tantos Mouros homicida,
 Mostra do sangue a cortadora espada
 No temeroso Alcaçar taõ temida:
 Junto delle está Sancho, que a prezada
 Coroa engeitará, buscando a vida
 Mais segura, a quem segue o valeroso
 Terceiro Affonso de Matilde esposo.

XCI.

O que vês co' a viseira reluzente
 He Dinis, que na acesa vista ardendo
 De seu braço, e espada refulgente
 Em Castella Fernando está tremendo,
 A quem depois co' a valerosa gente
 Portugueza, do Mouro defendendo,
 Estenderá sua fama pela dura
 Guerra do Sagitario a Cynofura.

XCII.

Este terá a illustre, e chara esposa
 Do sangue de Aragoã bella Isabella,
 Que só procura n'alma ser formosa,
 Sendo tobre a mayor belleza bella:
 Da terra ao Ceo na morte milagrosa
 A' mór esfera sobe a ser estrella,
 A terra enriquecendo de memoria,
 De espanto Hespanha, o mesmo Ceo de gloria!

XCIII.

Aquelle do bastaõ ferá o temido
 Quarto Affonso, nas armas Marte irado,
 Pelo invencivel braço conhecido
 Na sanguenta batalha do Salado,
 Aonde Alboacem sendo vencido,
 Quietó o Hispano Affonso, e socegado,
 Elle, que gloria só procura, e ama,
 Nada quer da victoria além da fama.

XCIV.

Este, que vês robusto, e bem disposto;
 Cor parda, nariz alto, olhos fogosos,
 He Pedro, que desmente em fero rosto
 Os brandos pensamentos amorosos,
 Que amará a bella Ignez, e aquelle gosto
 Lhe roubaráõ os fados invejosos,
 Quando matando a dous hũa só ferida,
 Cahirá do mesmo golpe o amor, e a vida.

Quem

XCV.

Quem he aquelle de aspeito venerando;
 Pergunta o Grego, a quem responde logo
 Circe, que nas delicias he Fernando
 Mais conhecido, que no Marcio jogo:
 Que em sua terra o Castelhana bando
 Sofrerá, vendo arder o Hispano fogo,
 Voar Lisboa do lugar que teve
 Aos espaços do ar em fumo leve.

XCVI.

O da insignia verde, e grave aspeito;
 Que em corpo giganteo alto, e membrudo
 Veste de arnez luzente o forte peito
 Apertando no punho o estoque agudo:
 He Joaõ, que a seus pés tem o perfeito
 Dom Nuno Alvares Pereira, vivo escudo
 Do Reyno, e Rey, que o jugo Castelhana,
 Sacode do pescoço Lusitano.

XCVII.

Por este a patria afflicta, libertada,
 Estendida, opulenta, ennobrecida
 A rica idade gozará dourada,
 Que só será de ferro em ser temida,
 Qual cometa fatal a sua espada
 Depois de dar ao Orco tanta vida,
 Ornada de diamantes, e de estrellas
 Será no Olympo collocada entre ellas,

Este

XCVIII.

Este Rey sem vencello a adversidade
 Porá no Ceo as Lusitanas quinas,
 E do solto inimigo a liberdade
 Enfreará vestindo as armas finas:
 Dará premio, e castigo em igualdade,
 Nutrindo, e fecundando artes divinas,
 Da patria pay, para que o mundo veja,
 Que alli não acha que emendar a inveja.

XCIX.

Logo o grande Duarte, que affectando
 Das estrellas, e Ceo o arduo caminho,
 Do mar as ermas ondas povoando
 Irá com tanta vella, e tanto pinho:
 Do Sol co' a vista os rayos aturando,
 Que he aguia taõ real, como he seu ninho,
 Vencendo o seu belligero estandarte
 Dous mores inimigos morte, e Marte.

C.

Aquelloutro, que o Sol imita armado
 No resplendor, he o grande Affonso quinto,
 A quem se devem para seu traslado
 Marmores Parios, bronzes de Corinto,
 De quem a terra, e mar mais apartado
 Tremerá deste polo ao mais distinto,
 Dando mór fama para engrandecela
 A graõ Lisboa, que Alexandre á Pela,

CX

Logo Joaõ segundo bellicoso
 Fará escura toda a fama alhea,
 Vendo levar seu nome glorioso
 Té onde o ardente Sol ferve na area,
 Descobrando o graõ cabo, que o famoso
 Nilo em cothurnos de chrystal passeia,
 Rey exemplo de Reys, digno governo,
 Que fora eterno Rey de hum Reyno eterno.

XCII

He o do largo manto o preeminente
 Primeiro Emanuel, que a vencedora
 Serpe levará aos mares do Oriente,
 E aos bordados de luz Reynos da Aurora:
 A este Neptuno humilha a graõ corrente,
 E a gente, que de Antheo nos campos mora,
 Vem pedir leys, e o barbaro gentio
 Da terra, onde o Sol faz perpetuo estio.

CIII

Chegará onde nunca o eco, ou fama
 Chegou, toda a Asia tremerá de ouvido
 Da parte, onde o Sol tem dourada cama,
 Té onde acaba sem mudar o estilo:
 De medo já com sete bocas brama,
 Por se esconder dentro em seu mar, o Nilo;
 Dandolhe estatuas o que bebe Hydaspes
 De ouro, e Atlante de Africanos jaipes.

Junto

CIV.

Junto d'elle Joaõ está terceiro,
 A quem seu mar, seu Oriente humilha
 O inventor raro do animal guerreiro:
 E da terra, e do Sol a bella filha,
 Será depois de tantos o primeiro
 Terror dos mares de Asia, e maravilha,
 Em cujos hombros descansar podera
 O grave pezo da mayor esfera.

CV.

Vês logo Sebastiaõ forte, e temido,
 Novo filho do Sol, que entra arrogante
 E em suas grandes forças atrevido,
 Quer pizar a cerviz do velho Atlante:
 Intenta ver a hum tempo destruido
 De Marrocos o muro, e Turudante,
 Mas ah que vejo ao Reyno sua ruina
 Num Rey, que he moço, e só se determina.

CVI.

Vê bem o grave, e carregado aspeito,
 Com que hum mudo pavor nas almas cria,
 E nota que em seu rosto, e forte peito
 Grandes cousas se vem co' a fantasia:
 Que dá esperanças o famoso objeito
 De naõ imaginada monarchia,
 Mil sombras de inimigos debellados
 O cercaõ, mil de Reynos conquistados.

CVII.

Seguirá de Bellona a imagem fera,
 A que a Ninfa de Amphrifo a gloriosa
 Rama prepara, que cingir espera
 A sua altiva fronte victoriosa:
 Fatal aflombro de hũa, e d'outra esfera;
 Se a tantas esperanças invejosa
 A fortuna, que o vê, não no atalhara,
 Larga nos males, só nos bens avara.

CVIII.

Que saudoso pranto, e magoas vejo
 Dizer sem fructo á Lusitana gente,
 Quando chorar com dor, e amor sobejo
 Sua morte, e sua ruina juntamente:
 Que exequias lhe farás laudoso Tejo,
 Vendo crescer co' pranto a tua corrente,
 Quando os funebres tumulos, e altares
 Com tuas ondas turbadas visitares.

CIX.

Venhaõ cheirosos lirios, venhaõ rosas,
 Venhaõ flores deitadas a mão chea,
 E a estas saudades amorosas
 Dos olhos acompanhe a larga vea:
 O que em purpureas vestes gloriosas
 Com tanta magestade o corpo arrea,
 O santo Henrique he, para que fique
 Do nome do primeiro ultimo Henrique.

O que

CX.

O que vestido o arnez tem rutilante
 He o graõ Filippe, cuja forte armada
 Teme o Turco em Lepanto, a quem Barbante
 A cerviz dura inclinará domada:
 A quem hum mundo não será bastante,
 Cujos leão co' a garra levantada
 Olhando a terra, e todo o mar profundo
 Fará tremer o antigo, e novo mundo.

CXI.

Logo Filippe, que gosando unida
 Em paz a dilatada Monarchia,
 Verá o fio cortado á doce vida,
 Que em fuzo de ouro Lachesis lhe fia:
 De Cometas infaustos opprimida
 Se verá a noite arder pallida, e fria
 Por mostrar que de Rey taõ excellente
 A morte, e perda até no Ceo se fente.

CXII.

O ultimo, que vês, he o graõ Monarca,
 E terceiro Filippe esclarecido,
 A quem em tear de ouro a justa Parca
 O estame tece a seu valor devido:
 A quem beijará o pé tudo o que abarca
 Da pura Thetis o humido marido,
 Para emular seu simulacro raro
 Ha de desentranhar seus montes Paro,

A este

CXIII.

A este graõ Monarcha descobrindo
 O Sol novas naçoens no mar profundo,
 Naõ contente que mande o Chile, e o Indo,
 Lhe quer na terra abrir terceiro mundo:
 Ao quinto Carlos em valor seguindo,
 A Filippe primeiro sem segundo
 No saber, que no alto peito enferra,
 Será Pilippe em paz, Carlos na guerra.

CXIV.

Hum, e outro Neptuno carregado
 De fayas tremerá nos dous extremos,
 Hum de bosques de vellas subjugado,
 Outro ferido de pezados remos:
 Versehá o Ingles. e Belga fulminado,
 Que dos leoens Hispanos bem podemos
 Presumir, que suas forças singulares
 Nas unhas levaráõ terras, e mares.

CXV.

Verá o Imperio seu taõ estendido,
 Que elle mesmo se impida o crescimento,
 De perolas, e neve guarnecido
 Verá o Norte, e o Sul seu grande augmento:
 Com diamantinos cravos impedido
 Da roda da fortuna o movimento
 Ha de estar firme, inda que o tempo corra,
 Ha de viver, ainda que o tempo morra.

Nisto

CXVI.

Nisto Anticlea para Ulysses vinha,
 Que em seus braços suspenso hum pouco esteve;
 E quando neste engano se detinha,
 Vê que delles lhe foge a sombra leve:
 O' doce mãy, lhe diz, ó gloria minha,
 Assim me roubas este gosto breve,
 Quando só por te ver ao Inferno venho
 Buscando a gloria, que em teus braços tenho.

CXVII.

Naõ quiz o Ceo que em Ithaca me achasse,
 Quando della fizeste despedida,
 Porque os olhos morrendo te cerrasse,
 Honrando com meu pranto tua partida,
 Porque esta dor, e magoa me ficasse
 Para me atormentar em toda a vida,
 Que para naõ sentir pena taõ grave,
 Já a triste morte me será suave.

CXVIII.

Vive, diz ella, Ulysses, e permita
 O Ceo que contes annos delcansados,
 Neptuno tua morte sollicita,
 Ventos movendo, e mares empolados:
 A paciencia os casos facilita,
 Soffrendo has de vencer fortuna, e fados,
 Sempre o animo ergue a coufas altas,
 Se elles faltarem, vejaõ que naõ faltas.

Per-

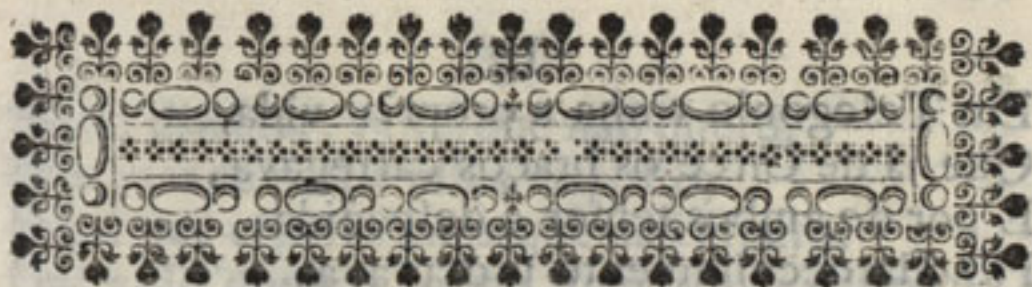
CXIX.

Preguntalhe Laerte, se vivia,
 Vive, ella lhe responde, e tua esposa,
 E Telemacho d'ambos alegria,
 Com que enganaõ a vida faudosa:
 Torna a alegrar aquella companhia,
 Penelope taõ casta, e taõ formosa
 Naõ era para autente, inda que casta,
 He formosa Penelope, e isto basta.

CXX.

Largo espaço estiveraõ praticando,
 Até que Circe tendo especulado
 Da socegada noite o curso brando,
 E o muito tempo já que tem gastado,
 Que se partaõ lhe diz, elle abraçando
 A cara mãy em lagrimas banhado,
 Os paços deixa, aonde a noite mora,
 Que já as chaves no Ceo se ouvem da Aurora.





ARGUMENTO

DO QUINTO CANTO.

D *Eixa Ulysses a Circe o mar abrindo,
Quando alterado sente o salso argento,
A's Ninfas Thetis sabe favor pedindo
Para abrandar a furia ao mar, e ao vento:
Via no estreito Alcides resistindo
Ao seu mayor que humano atrevimento,
Do Tejo as ondas corta, aoude sentia
Já de Protbeo cumprida a profecia.*

I.

D *A quarta esfera o claro Libystino,
Monarcha das estrellas refulgente,
Da Ecliptica incansavel peregrino,
Olho do Ceo, e tocha do Oriente,
Da luz mostra o thesouro matutino,
Abrindo o novo dia á nova gente,
Quando já o Grego, obedecendo ao fado,
Quer a vida entregar ao mar salgado.*

Em

II.

Em Telegonio tinha a propria vida,
 Que já de Circe os braços carregava,
 E por de ambos temer a despedida
 Fazella occultamente procurava:
 Quando de seus intentos advertida
 Circe, co' a grande pena, que levava,
 Furiosa chega a Ulysses, e os furores
 Converte em doces lagrimas, e amores.

III.

Como, diz, inimigo te atreveras
 Deixarme assim offendida, e saudosa,
 Se não quando matarme pertenderas
 Primeiro que esta ausencia vagarosa:
 Se assim matarme mais depressa esperas,
 Sendo a pena cruel, fora piedosa,
 Se a triste Circe, e Telegonio amavas,
 Tanto a partida em vellos dilatavas.

IV.

Rendido a esta amorosa competencia,
 Promette Ulysses a jornada breve
 Com lagrimas, que são muda eloquencia,
 Com que contando sua magoa esteve:
 Em fé que hei de vencer taõ dura ausencia,
 Tomando o filho, que entre braços teve,
 Lhe diz: Este penhor Circe offereço,
 Que tanto preço tem, que não tem preço.

Vaite

V.

Vaite, diz ella, vaite, que não quero;
 Pois para te partir estás disposto,
 Fazer que esperes mais, que não espero,
 Que nisto queiras dar-me hum breve gosto:
 Tres vezes de aço tens o peito fero,
 No coração es hum, outro no rosto,
 Triste quem ama, que na dor presente
 Sente o que diz ser menos do que sente.

VI.

Isto dizendo, o fogo, em que se acende,
 De lagrimas os olhos lhe arrazava,
 E o brando coração co' a dor se rende,
 Mudo orador das penas, que passava:
 Para abraçar o filho o braço estende,
 Que fugindolhe aos peitos se apertava:
 Da mãy, que lastimada, e triste via,
 Com que novas saudades lhe acendia,

VII.

Não te quero, lhe diz, pois es retrato
 De hum ingrato mayor, que o mundo teve,
 Porque não no pareças sendo ingrato,
 E quem me leva a vida o gosto leve:
 Mas não te dou eu filho taõ barato,
 Bem desta vida bre, sem dizer breve,
 Que as lagrimas lhe afogaõ, num momento
 Entre as fauces da voz o ultimo acento.

Toma

VIII.

Toma Ulyſſes a Circe entaõ nos braços,
 E Telegonio, e diz: Tanto temia
 Romper por eſtes ſoberanos laços,
 De que goſava em quanto Deos queria,
 Que deſtes ſuaviſſimos abraços
 (De que minha fortuna me deſvia)
 Fugia por temer que ſe chegalle
 A vos deixar, que a vida alli deixalle.

IX.

Naõ ſe ſabe apartar quem ama, e pena,
 E quem niſto he mais fraco, eſte he mais forte,
 A dor da meſma morte he mais pequena,
 Que quem morre, melhora muito a ſorte:
 Quem morre, acaba o mal, que toda a pena
 Dura co' a vida, ſem paſſar da morte,
 Mayor pena padece o que eſtá auſente,
 Pois morre de ſaudade, e morto ſente.

X.

Em quanto os dous amantes aſſim eſtayaõ
 Enganando as ſaudades da partida,
 Tambem aos ſeus as Damas eſcutayaõ
 Magoas da rigorosa deſpedida:
 Egiale, e Leofthenes ſe abraçayaõ,
 Androgeo, e Ericia, a quem a vida
 Tipha entregue, o meſmo Penopea
 Faz a Philemo, e a Palemo Alpha.

XI.

Só Dimantes, que tem por gentileza
 Ser diamante, a Polibio não consente
 Lagrimas, e saudades, que se preza
 De que nenhuma pena, ou magoa sente:
 A variedade honra a natureza,
 Lhe diz, e não te canse amigo ausente
 Deixarme, que de mim terás notado,
 Que me não dá cuidado algum cuidado.

XII.

Ficava Circe, Ulysses se partiã,
 Que co' pranto acendia seus furores,
 Vaite inimigo amado, lhe dizia,
 Minhas penas dobrando, e meus temores:
 E como quando ao mar inclina o dia,
 As sombras sobre a terra faz mayores,
 Assim n'alma de Circe, que ficava,
 A sombra da tristeza se dobrava.

XIII.

O anno novo, bello, e florecente
 Junto á idade juvenil andava,
 Quando Astrea co' as noites juntamente
 Na aurea balança os dias igualava:
 A inimiga do dia diligente
 A terra em roda, e ares occupava,
 E a seu pezar o Sol, que em torno gira,
 Vinha abrazando os campos de çafira.

XIV.

Já da Saturnia Hesperia vão sahindo
 As naos ligeiras com alegre vento,
 Co' as levantadas proas dividindo
 A crespa prata do humido elemento:
 Quando fora das aguas sacudindo
 A cabeça Neptuno: Oh fraudulento
 Ulysses, diz, permite o Ceo sereno,
 Que ares a meu pezar o mar Tyrreno!

XV.

Espera: e não diz mais de impaciente,
 E sobre as molles ondas, que pizava,
 Esgrime furibundo o graõ tridente,
 E o mar vendo-o enojado se encrespava:
 Colhendo a Armada o vento brandamente
 A' vista de Parthenope passava,
 Vê logo o Tybre entrar no mar profundo,
 A cujo imperio ha de ajoelhar-se o mundo.

XVI.

Com prospera bonança vão passando,
 Quando o Piloto vê sobre a cabeça
 As carregadas nuvens, que voando
 Vão no mais alto do ar com grande preça:
 Hiaõ-se os horizontes abafando,
 Cruzase o mar, nas ondas se atraveça
 A grande Capitania, que recebe
 Co' a proa o grosso mar, que arfando bebe.

XVII.

Disse o Piloto: Amaina a grande vella,
 Que logo os marinheiros vão colhendo,
 Quando do alto desce a graõ procella,
 Todo em montanhas de agua o mar erguendo:
 Os ventos conjurados a vencella
 Sopraõ, as vellas concavas rompendo,
 E batendo por hum, por outro lado,
 Quer dentro introduzirse o mar salgado.

XVIII.

Mais aspera fortuna exprimentava
 Cada huma das naos da companhia,
 Que posto hum monte noutro o Ceo tocava,
 E ao centro profundissimo descia,
 De negra sombra o ar se coroava
 Por maõ da noite, que do Ceo cahia,
 E o vento alma das nuvens nova guerra
 Movia, dando assalto ao mar, e á terra.

XIX.

Nas entranhas do mar em graõ planura
 Se vê hum edificio levantado
 De rara, e excellente architectura,
 Pela famosa Thetis fabricado:
 Os altos corucheos de prata pura
 Carregaõ sobre jaspe bem lavrado,
 Do portal a soberba fronte admira
 Cortado de finissima çafira.

XX.

Na quadra mais alegre, e mais ornada,
 Que está na melhor parte do aposento,
 Das bellas Ninfas Thetis rodeada
 Seu nobre estrado tem, seu rico assento:
 Nereas alli estaõ, que por estrada
 Incognita, e occulto movimento
 O puro humor á terra communicão,
 Com que os campos florecem, e frutificaõ.

XXI.

Das mais Ninfas, que assistem, huma se via
 Dançar pulsando as cordas docemente,
 Outra, que a prata, e ouro em roca fia,
 E em conchas colhe a perola excellente,
 Qual do fundo o coral mostrava ao dia,
 Que logo endurecer ao Sol se sente,
 E qual da areia aparta o peregrino
 Graõ estimado do metal mais fino.

XXII.

Saõ nos rostos formosos parecidas
 Como irmãs, mas diversas no cabello,
 Que hum he louro, outro verde, te esparzidas
 Suas bellas tranças vaõ no corpo bello:
 D'um delgado cendal andaõ vestidas,
 Que acende mais a desejar de vello,
 Thetis as chama, e ellas, que a ouviaõ,
 Todas a obedecella concorriaõ.

Thetis

XXIII.

Das alteradas ondas alterada
 Thetis temia, vendo offerecida
 A' braveza do vento a Grega Armada;
 Que seja por Neptuno destruida:
 Lembrahe o seu Achilles, e a passada
 Historia de Peleo, e enternecida
 De ver taõ grande dano, e tanta mágoa,
 Falla ás Ninfas c'hum mar nos olhos de agoa.

XXIV.

Vedes, doces amigas, como o fero
 Boreas, e Euro se mostraõ alterados,
 E os meus Gregos perecem, que hoje espero,
 Que por vós haõ de ser remediados:
 Que o furor lhe amanseis, amigas, quero,
 Sey, que de vós andaõ namorados,
 E nas mostras da vossa gentileza
 Logo lhe ha de esquecer toda a braveza.

XXV.

Já sobre as ondas Thetis vay subindo
 Com Doris, Symodoce, e com Thalia,
 Descubria Anfitoe o gesto lindo,
 E o azul de seus olhos Lemnoria:
 Na belleza, e na graça competindo
 Galatea, Panope, e Oritia,
 Larga o cabelo ao vento Dinamene,
 Que pela eburnea maõ toma a Climene,

XXVI.

Sobre a prata das ondas deixa Doto
 Nadar do crespo ouro as tranças bellas;
 E os olhos verdes descubria Proto,
 Que são do mar azul verdes estrellas:
 Boreas, e Euro, e o valente Noto
 Manfos ficaraõ todos só de vellas,
 E a bella Doris, a quem Noto amava;
 Mais que nunca rendido assim fallava:

XXVII.

Póde, Doris, a pura claridade
 De teus olhos azues n'hum só momento
 Lançar duros grilhoens á tempestade,
 E o furor aplacar do bravo vento:
 Para nunca fahirte da vontade,
 A minha atada tens, e o pensamento
 Para não querer mais, que só quererte;
 Nem ver mais gloria, que a que tenho em verte.

XXVIII.

Se queres, lhe diz ella, que te crea,
 Que me serves com fé limpa, e segura,
 Deixa o furor, que amor sempre se arrea
 De suaves effeitos de brandura:
 Noto lhe torna: Se achas cousa fea
 Esta dureza, tu porque es taõ dura?
 Que vejo, que es, ó Ninfa fugitiva,
 Pedra insensível não, mas pedra viva.

XXIX.

O molle campo azul do mar falgado
 O azul dos olhos teus tranquillo veja;
 As ondas cessem, durma o vento irado,
 Diante de teus pés prostrado esteja,
 Que eu folgarey que tudo estê callado,
 Porque de ti melhor ouvido seja,
 Que suave me ouças, e respondas,
 Sem desculparte c'o rumor das ondas.

XXX.

Quando, Doris cruel, terás lembrança
 Se do amor não, ao menos do meu dano;
 Pois traz desta amorosa confiança
 Vou enganando apos hum anno outro anno;
 Mas como, vence aos males a esperança,
 Temo que a esta fé vença o defengano,
 Buscando, assim enganado do que espero,
 O mal, que não queria, o bem, que quero.

XXXI.

Dá-me essa bella mão, Ninfa prestante,
 Que por escravo, e por espoço peço,
 E prendeme nesse ouro rutilante,
 Que aos cabellos do Sol roubaõ seu preço:
 Não peço muito, pois sou muito amante,
 Que nunca em grande amor ha grande exceço,
 E se isto he excessõ, amor excessõ he todo,
 Que he modo amor, que nunca teve modo.

XXXII.

Grande prazer, diz ella, Noto amigo,
 Me farias, se as Gregas naos tomasles,
 E salvando-as do mar, e do perigo,
 A porto alegre, e prospero as levasses:
 Teu gosto, lhe replica, ó Doris figo,
 Basta que assim o quizesles, e mandasses;
 E só me cansa agora obedecerte,
 Porque me obrigas a deixar de verte.

XXXIII.

A foccorrer as naos Noto caminha,
 Em quanto Euro aos pés se debruçava
 Da bella Galatea, que o detinha,
 Que só com vella as furias amansava:
 Solto o cabello pelos hombros tinha,
 Onde o vento sutil se embaraçava,
 Podendo competir qual he mais bello
 Prata, e ouro, do corpo, e do cabello.

XXXIV.

Euro lhe diz: O' minha branda amiga,
 Em cuja vista, e viva claridade
 O ar se adorna da pureza antiga,
 E foge a rigorosa tempestade:
 Consente, ó bella Ninfa, que te diga
 O que trago ha mil dias na vontade,
 Que quero nesta dor para soffrella
 Contar o que padeço á causa della.

Nesse

XXXV.

Nesse ouro crespo ao vento desparfido
 A minha solta liberdade se ata,
 O Ceo vejo em teus olhos recolhido,
 De que ausente me trouxe a sorte ingrata,
 Nelles o vivo fogo anda escondido,
 Onde a vista dos meus se acende, e mata,
 E assim venho a estimar no mal, que figo,
 Por premio a morte, a vida por castigo.

XXXVI.

Amor em teu amor me purifica,
 Porque mereça o bem de meu tormento,
 Novo altar em minha alma te edifica,
 Onde se adora o teu merecimento:
 Meus desejos leaes te sacrifica
 A fé por maõ do altivo pensamento,
 Ou me dá vida, Galatea ingrata,
 Com teu favor, ou por favor me mata.

XXXVII.

Galatea, que isto ouve, respondia:
 Naõ me tenhas por dura, e te prometo
 De ouvirte até que esconda o claro dia
 Entre estas ondas o pastor de Admeto,
 Recolhe as naos da Grega companhia
 Por me dar gosto agora, e este inquieto
 Mar se socegue; e o mesmo a Boreas pede
 Lemnoria formosa, elle o concede.

XXXVIII.

Logo os ventos deixando a costumada
 Braveza , sobre as ondas se estendiaõ,
 Juntaõ as divididas naos da Armada,
 Que entre a furia dos mares pereciaõ,
 A' Capitania rota , e quebrantada
 As delicadas Ninfas acudiaõ,
 Todas concorrem para o mesmo effeito
 Pondo no duro pinho o brando peito.

XXXIX.

Logrando esta bonança refazia
 A enxarcia destrocada , as rotas véllas
 O forte Grego , e quando o novo dia
 Dava no prado vida ás flores bellas,
 E a clara luz cegando a noite fria,
 Lhe faz cerrar os olhos das estrellas ,
 As naos colhendo os ventos , que sopravaõ
 No mar , as grandes azas despregavaõ.

XL.

Ouve de Scylla o rouco brado horrendo,
 Que atroando os maritimos lugares ,
 Nas voragens , e fauces recebendo,
 O mar bramindo torna aos negros ares,
 E as ondas amarissimas bebendo,
 Charybdis com tal furia os grossos mares
 Arroja , que das gotas espalhadas ,
 Se vem o Ceo , e estrellas rociadas.

XLI.

A' vista de Peloro Siciliano
 Junto da costa a Armada atravessava,
 Na arvore se pegava o solto pano,
 E o mar c'o vento apenas se encrespava:
 Quando soava hum canto soberano,
 Que os socegados ares regalava,
 E a graõ suavidade, e melodia
 Pelos ouvidos a alma suspendia.

XLII.

Fóra das ondas as cabeças tinhaõ
 As formosas Sereas, e largando
 As vozes suavissimas detinhaõ
 O vento fero por ouvillas brando:
 As naos, como animadas, naõ caminhaõ,
 Esta sonora musica escutando,
 Que rémora naõ ha, que possa tanto,
 Que iguale a força de hum suave canto.

XLIII.

Manda arribar Ulysses, e varrendo
 O negro pinho os mares socegados,
 As Ilhas Estoechades vencendo,
 Vê de Nisea os montes levantados:
 Já as correntes do Rhodano bebendo
 Massilia passa, vendo os congelados
 Montes . onde enterrada Pyrene,
 Que em vaõ abraza o filho de Clymene.

Vaõ

XLIV.

Vaõ pelo alto , e focegado argento
 Lavando o mar as fayas encurvadas ,
 Rompendo as proas com furor violento
 De Thetis pura as liquidas moradas :
 Dos monstros de Protheo o immundo armento
 Se esconde nas cavernas mais guardadas,
 Das vellas, e das arvores a sombra
 Do ceruleo Neptuno o reyno assombra.

LXV.

Passava o grande Ibero , e Gaditano
 Estreito , aonde achou o fim famoso
 De seus trabalhos Hercules Thebano ,
 E Atlante o Ceo sustenta luminoso ,
 Adonde Abila , e o Calpe do Africano
 Imperio Europa apartaõ , pelo undoso
 Seyo pondo altas portas , e limite
 A's terras com suas ondas Amfitrite.

XLVI.

Tinha a noite com seu confusõ manto,
 De estrellas , e planetas guarnecido,
 Cuberta a esfera luminosa , em quanto
 Passava a Armada o estreito taõ temido :
 Quando o Piloto com terror , e espanto ,
 O' Jupiter , dizia , esclarecido ,
 Que sombra he a que vejo taõ pezada ,
 Fatal ruina desta grande Armada

XLVII.

Logo hum robusto corpo apparecendo
 No ar, co' a alta cabeça o Ceo tocava,
 De victoriosa rama a fronte erguendo
 Coroada, arrogante, altiva, e brava:
 Vestida a pelle de hum leaõ horrendo,
 Na maõ direita huma pezada clava,
 Negras sombras, e escuras o cercavaõ,
 Que o ar de horror, e medo carregavaõ.

XLVIII.

O enredado cabello, e retrocido
 Em anneis sobre o hombro lhe descança,
 E o resplendor do rosto esclarecido
 Abre á sombra co' a luz, que aos ares lança,
 C'hum tom da voz horrendo, e defabrido,
 Que atemoriza a tudo quanto alcança,
 Começou a fallar, e n'hum momento
 Se abre o Ceo, calla o mar, e cessa o vento.

XLIX.

Quem es, ó atrevido, que com tantas
 Naos estes mares nunca navegados
 De fayas medes com ligeiras plantas,
 Com chaves immortaes d'antes fechados?
 As colunas fortissimas quebrantas,
 Termos, que puz aos mares levantados,
 Que Neptuno venera, e quando passa,
 Lhe beija os pés, e com respeito abraça?

Dei-

LIX

Deixa o caminho , navegante infano,
 Que além desta , e da opposta alta coluna
 Não se vê mais que o Ceo , e o Oceano,
 Theatro das tragedias da fortuna :
 Muda de intento , colhe o solto pano,
 Deixa a fadiga barbara , e importuna,
 Se não buscas no mar tempestuoso
 Sepulchro eterno de crystal undoso.

LI. IX

O Grego o ouve , a quem com voz tremante
 Dizia : O' grande Cidadão celeste ,
 Tu es o que com animo constante
 As fraudes de Euristeo vencer podéste?
 Tu ao dragão Hisperio vigilante,
 Centauros , e leão Nemeo venceste ,
 E tu as meas de Fineo honraсте,
 Donde as Harpias furdidas lançaсте.

LII.

O Cerbero prendeste , e por comida
 Diomedes déste ás feras , que guardava ,
 Despojaсте Acheloo vendo rendida
 A Hydra , que as cabeças renovava :
 Em teus braços deixou Antheo a vida ,
 E Caco , que os incendios vomitava ,
 Mataste o javali , e o rutilante
 Globo tomaste descansando Atlante.

Ulysses

LIII.

Ulyffes fou do illuftre fangue Grego,
 Que lavrando taõ largos mares venho,
 E ás grandes portas do Oceano chego,
 Sobre taõ fraco, e taõ caduco lenho:
 No monftrofo Polifemo cego,
 O graõ Neptuno, que offendido tenho,
 Naõ quer, que em fuas ondas quasi abforto
 Bufque paz, ache vida, alcance porto.

LIV.

Tu, grande excelfo nume, e fempiterno,
 Que isto vês, me foccorre, e o mar ferena,
 Acabe a vida, ou o trabalho eterno,
 Que em mim tem resistencia taõ pequena:
 Tragueme o bravo mar, abraze o inferno,
 Acabe em tanta pena minha pena,
 Que já paflado tem meu sentimento
 Todo o termo, que tinha o foffrimento.

LV.

Vi Cycones, Lotophagos, e undofos
 Mares, graves tormentas repentinas,
 Duras mortes, e cafos prodigiofos,
 Defufadas viagens peregrinas:
 Vi rayos, vi incendios temerofos,
 Nas ondas de Neptuno altas ruinas,
 Que fõ contra mim ha no mar, e estrellas
 Ruinas, rayos, mortes, e procellas.

LVI.

Mandame o Ceo buscar aquella parte,
 Que o Sol com sua immensa claridade
 Ultima vê, quando de nós se parte,
 Para erguer com eterna magestade
 A Cidade belligera, que a Marte,
 Inimigos, e a longa eternidade
 Ha de vencer: pelo humido caminho,
 Dando a eternos heroes eterno ninho.

LVII.

Nestes annos de minha vida breves
 O fim deste discurso ver tomara,
 Tu ampararme, grande Alcides debes,
 Que aquelle he grande, que ao affligido ampara:
 Alcides se enternece, e torna leves
 Os graves Ceos, e faz alegre, e clara
 Nos campos do ar a noite, e do que ouvia
 Hum pouco magoado lhe dizia.

LVIII.

Agora alcanço, ó Grego venturoso,
 Que tu es o que em annos florecentes
 Cingirás o cabello victorioso
 Das invejadas ramas eminentes:
 A Lisboa erguerás muro famoso,
 A quem beijando os pés com suas correntes
 Lhe offerecerá o Tejo crystaes paros
 Para famoso espelho de seus muros,

Estes

LIX.

Estes trabalhos teus Protheo contava
 Nos séculos passados, e dizia,
 Que hum Grego nestes mares se esperava,
 De que o grande Neptuno tremeria:
 Que donde o Tejo ameno os campos lava,
 Com gente de estremada valentia
 De Atlante humilharia a altiva fronte,
 Bebendo o Nilo em sua propria fonte.

LX.

Em quanto aos hombros o alto Ceo sustenta
 Está vendote Atlante perturbado,
 Que ruina fatal lhe representa
 A tua vista do Africano estado:
 Tem sabido que em Africa, que aquenta
 O Sol com rayos, e calor dobrado,
 Levantará com força mais que humana
 Altos trofeos á gente Lusitana.

LXI.

Vê que o grande Joaõ co' estoque agudo,
 Onde da gloria a nobre inveja o chama,
 Passa dos seus diante como escudo
 Rendendo a forte Ceita só co' a fama,
 Onde fará correr do Mouro rudo
 Rios ao mar de sangue, que derrama,
 Quando tanta cabeça vir cortada
 Do invicto braço seu, da invicta espada.

Te-

LXII.

Teme que ainda Ceita o celebrado
 Ninho ha de fer dos claros descendentes
 De Noronha, de lanças fabricado
 Por lenhas odoríferas, e ardentes,
 Aonde hum Fenix, e outro renovado
 Com obras peregrinas, e excellentes
 Daraõ, enriquecendo sua memoria,
 Alta materia a soberana historia.

LXIII.

Teme q̃ hum grande Henrique, e q̃ hũ Fernando
 Entraraõ pela terra Tingitana,
 Feitos illustres co' a espada obrando,
 Desmentindo o poder, e a força humana:
 Teme que lá em Arzila devastando
 Mulei Barraxe o campo, o desengana
 Dom Joaõ, que se oppoem com pouca gente,
 E os Mouros rompe, que he leaõ rompente.

LXIV.

Teme que o mesmo Dom Joaõ querendo
 Entrar co' de Tarouca taõ temido,
 De Fez o Rey lhe fugirá tremendo,
 De dous Martes honrado, e perseguido:
 O porto de Larache abrindo, e vendo,
 O graõ Ferrobo abrazará atrevido,
 E de Azamor com animo seguro
 Arrazará co' a vista o forte muro.

Teme

LXV.

Teme que hum Ataide illustre, e forte
 Verá Tednest rendido, e profligado
 De Marrocos o exercito, que a morte
 Evita no fugir acelerado:
 Teme do graõ Duarte a illustre forte,
 Que a Tangere do Mouro já abrazado
 Sustentará, e que Azamor cahido,
 Será do grande Jaime defendido.

LXVI.

Vê de Alcoutim o Conde, a quem o peito
 Honroso fogo de alta gloria inflama,
 Vê de hum Cesar o feito nunca feito,
 Que vencerá dos Cesares a fama:
 Obrado neste estreito, a quem he estreito
 Todo o espaço, onde o Sol sua luz derrama,
 E hum Mascarenhas, e outro soberano
 Novo Heitor, novo Achilles Lusitano.

LXVII.

Com razaõ teme Atlante que se veja
 A costa debellada Tingitana,
 Que não entres no Oceano deseja,
 E não toques a praya Lusitana:
 Quando não produz odio, ou vil inveja,
 He esteril a virtude soberana,
 Que o valor, e virtude preeminente
 Presente desagrada, amase ausente.

Não

LXVIII.

Naõ disse mais, e a sombra, que se via
 Levantada no ar, qual grande torre,
 Representando que no mar cahia,
 Deice do alto, e pelas ondas corre:
 Ulysses que huma dor grave sentia,
 Co' pavor, que até os oslos lhe discorre,
 Pegada a voz, ás fauces, levantava
 A vista ao Ceo, e a Jupiter fallava.

LXIX.

Circulos immortaes que arrebatados
 Desse primeiro, e eterno movimento,
 Em discordia suave concertados
 A's leys obedeceis do firmamento:
 Espritos, que dos orbes estrellados
 Sojs almas, que infundis divino alento,
 Fallai co' as linguas do silencio mudo,
 Tudo falle por mim ao Autor de tudo.

LXX.

Oh grande Amon, que a eterna monarchia
 Tens num, e noutro Ceo, onde a formosa
 Tocha do bello Sol autor do dia
 Alumia esta machina lustrosa:
 Tu que as sombras da noite escura, e fria
 Honras com pregadura taõ custosa
 De estrellas, e planetas rutilantes,
 Que tanto excedem lucidos diamantes.

Naõ

LXXI.

Não permittas, que as ondas temerosas,
 Com que vimos té o centro o mar aberto,
 E dos ventos as bocas espumosas
 Nos impidaõ gozar do porto incerto:
 De Hyperia sobre as prayas arenosas
 Perdidos nos salvamos por acerto,
 Ajudados da força soberana,
 Que sem o Ceo não val industria humana.

LXXII.

Já da triste vizaõ nada apparece,
 Da qual todos ficaraõ perturbados,
 E atravessando o estreito lhes parece,
 Que a mayores perigos saõ chegados:
 A noite foge, o Sol formoso crece
 Sobre os mares lançando os abrazados
 Rayos, que o grande tanque soberano
 Illustraõ do vastissimo Oceano.

LXXIII.

Vestiofe o ar de graõ serenidade,
 Que d'antes negro, e carregado estava,
 Com as nuvens foge a solta tempestade,
 E os chuveivos, que Noto ameaçava:
 Razas as ondas vaõ, que a suavidade
 Do vento a agua apenas encrespava,
 E com graça mayor, do que costuma,
 Encanecia o mar de branca escuma.

LXXIV.

Dizia entã Creonte: Aqui se encerra
 O que disse Protheo da sorte avara,
 Pois sem descanso achar, e amiga terra,
 A roda destes males nunca pára:
 Quaõ mais ditoso fora quem na guerra
 Comsigo seus trabalhos encerrara
 Dentro na anticipada sepultura,
 Que he morte a vida se entre os males dura.

LXXV.

Aquelle, que atrevido o pinho leve
 Poz nas ondas dos ventos agitadas,
 O coraçã tres vezes de aço teve,
 E de bronze as entranhas fabricadas:
 Que de Boreas, e de Africo se atreve
 Provar a luta, e forças indomadas,
 Quando da espessa nuvem o seyo abrindo,
 Rebentaõ no ar graves trovoens bramindo.

LXXVI.

Os mares acomete o atrevido
 Nauta, que a fronte escura vê cuberta
 Do monte Acroceraunio, e no bramido
 De Cauro a tempestade tem por certa:
 Aos perigos da terra os do temido
 Mar ajuntou a gente pouco experta,
 Com alma da ambiçã leve enganada,
 Oh gente humana em teu perigo ouçada.

LXXVII.

O claro Betis, o Ana caudaloso,
 E o sacro promontorio já dobravaõ,
 E com Favonio alegre o seyo undoso
 Da Lusitana costa navegavaõ :
 Para onde o Tejo paga seu famoso
 Tributo, as leves proas se inclinavaõ,
 Levando ao mar riquissimo thesouro
 De prata as aguas, e as areas de ouro.

LXXVIII.

Huma garça do Tejo ao ar se erguia,
 Que o vento na presteza atraz deixava,
 E como que a queixarse ao Ceo subia,
 Ao fogo as leves penas arriscava :
 A que huma aguia real detraz seguia,
 Que em voltas por chegarlhe se apressava,
 Levando sempre a vista firme, e prompta
 Na garça, que entre as nuvens já remonta.

LXXIX.

Depois de em largos gyros ter cortado
 Os diafanos ares vem descendo,
 Como hum rayo de Jupiter alado,
 A garça as brancas azas encolhendo :
 A que a aguia por hum, por outro lado
 C'os cerrados encontros o ar rompendo,
 Instando opprime, e com furor afferra,
 Onde era o fim da vida o fim da guerra.

LXXX.

Vendo Ulyffes o caso aos seus gritava:
 Aqui, amigos, se acaba o graõ caminho,
 Com que d'hum fado n'outro nos levava
 Boreas, varrendo o mar c'o negro pinho:
 Para este porto o fado nos guiava,
 Aqui alcançamos desejado ninho,
 Que estes sinaes, que vejo mo declaraõ:
 A que todos com vozes acclamaraõ.

LXXXI.

Cada qual do trabalho satisfeito,
 Que tem passado, está ledó, e contente,
 O Tejo ás naos cançadas punha o peito,
 Que atraz da popa murmurar se fente:
 Chegaraõ aonde em dilatado leito
 Emula ao mar se estende a graõ corrente,
 E cada huma das naos qual mais ligeira
 A proa pega na humida ribeira.

LXXXII.

Descansaõ nas amarras, e procura
 Sahir a gente em terra alvoroçada,
 A area beija, e bebe a fonte pura
 Nas mãos por alvas pedras derivada:
 Assentaõse contentes na verdura,
 Onde o prado lhe faz verde almofada
 Junto das fontes, onde seus licores
 Bebem avidamente hervas, e flores.

Como

LXXXIII.

Como verdes doces, os levantados
 Bosques davaõ repouso ás brandas aves,
 Que espalhando queixumes namorados,
 Leves fazem da calma as horas graves:
 Chovem das folhas sonos soslegados,
 Que perturbavaõ Zefiros suaves,
 Entre as hervas parecem serpes vivas
 De crystal puro as lynfas fugitivas.

LXXXIV.

Aqui hum pastor de venerando aspeito,
 Que o gado neste monte apascentava,
 Nos annos grave, a quem no largo peito
 A copiosa barba descantava:
 A's perguntas, que Ulysses tinha feito
 Da terra, e por que Rey se governava,
 Lhe diz: Aqui se estende o mar profundo,
 Onde da agua começa o mayor mundo.

LXXXV.

Aqui de Lusitania he graõ cabeça,
 Donde passar naõ saberá o desejo,
 Aqui a terra se acaba, o mar começa,
 Aonde seu nome perde o doce Tejo:
 Que para que com o Lethe se pareça
 Nos ares, na frescura, no sohejo
 Mimo de terra, quantos o beberaõ
 De tudo o mais do mundo se esqueceraõ,

Por

LXXXVI.

Por Gorgoris o Reyno he governado,
 Que o ama, sem queixarse de opprimido
 De outro poder mayor, nem he vexado
 Do tributo com traças admittido:
 Com duas canas diante acompanhado
 Dos seus amado sahe, e sahe temido,
 Quem quer que o temaõ por injustos modos,
 Quando todos o temem, teme a todos.

LXXXVII.

De Jupiter he neto, porque estando
 Na torre Danae donde a recolhia
 Achrisio, num orvalho alegre, e brando
 Convertido o graõ Jupiter descia:
 Daqui Perseo nasceo, Danae cortando
 Co' filho o mar por defusada via,
 A Italia veyo em braços de Neptuno,
 Onde a quiz por esposa o graõ Piluno.

LXXXVIII.

Perseo cresceo, e co' a fatal espada
 Talares de Cilenio, escudo forte
 De Pallas, a cabeça vio cortada
 De Gorgona, que entrega á eterna morte:
 Do ar pizando a regiaõ dourada
 A Estella vio por peregrina forte,
 A' terra desce em lucidos talares,
 Abrindo namorado os leves ares.

LXXXIX.

Governava este Reyno o grande Abante
 Da bella Cynthia esposo, e pay de Estella
 Dotada de hum angelico semblante,
 Sobre os extremos de belleza bella:
 Perseo a vio, e amou, e nesse instante
 Porque lha nega o pay, quiz pertendella
 Por armas, e co' escudo, que trazia,
 A singular batalha o desafia.

XC.

No Cynthio monte armado Abante espera,
 Confiado em suas forças, e o valente
 Perseo descobre logo a imagem fera
 No escudo, que cingia a graõ serpente:
 Abante alheyo do que de antes era,
 Em pedra dura transformarse lente,
 E os que neste perigo o acompanharaõ,
 Os membros em penhascos transformaraõ.

XCI.

Foy Estella por elle alli roubada:
 Hymeneo, que lha dera por esposa,
 Assiste sem cothurnos, e apagada
 A tocha d'antes clara, e luminosa:
 De Cynthia tomou Cintra celebrada
 O nome, que em rochedos he famosa,
 Gorgoris nasce, e como a idade chega,
 Perseo se parte, e o Reyno ao filho entrega.

Por

XCII.

Por estes montes Gorgoris galhardo
 Ao urso, e javali fero arremete,
 Sacudindo ligeiro o mortal dardo
 De cima do belligero ginete:
 Ao veado cornigero, ao pardo,
 O animal mais feroz bravo acomete,
 He no rio, e nos montes fatigada
 A veloz garça, e a perdiz pintada.

XCIII.

Este alto Rey, que excede em valentia
 Ao forte Alcides, vence juntamente
 Ao seu valor na branda cortezia,
 Mais que na lingua em obras eloquente:
 Sendo disto avisado elle viria
 Regalarvos, e a toda a Grega gente,
 Que sempre ás naos, que porto aqui tomaraõ,
 Nelle favor, e acolhimento acharaõ.

XCIV.

Cessou, e o monstro, que as estrellas toca,
 Que com mil olhos vê, mil pennas voa,
 Que adquire forças caminhando, e troca
 Em varias fórmas tudo o que apregoa:
 Applicando ao metal sonoro a boca,
 Que deste polo ao mais remoto soa,
 Tinha, já publicado como a Armada
 Estava sobre as ancoras fundada.

XCV.

Já Gorgoris a gente preparava
 Por ver as naos, que ao porto tem chegado,
 E a pequena Cidade se alterava,
 Donde sahia de armas rodeado:
 Quando com Leostenes encontrava,
 Que do Grego fortissimo enviado
 Os discursos, e os erros lhe declara
 Dos mares, por que Ulysses navegara.

XCVI.

Elle, que as causas na memoria tinha
 De amar a Ulysses, desce da alta ferra,
 E alvoroçado pelo ver caminha
 A offerecerlhe o porto, e propria terra:
 Encontra o Grego, que a buscallo vinha,
 Tornase em paz a imaginada guerra,
 Daõse os braços, e as mãos, e do que via
 Ulysses obrigado lhe dizia.

XCVII.

Já dos trabalhos, que passado tenho,
 Me esqueço para os dar por bem passados,
 Pois por elles a vossas terras venho
 Para favores receber dobrados:
 Os mares, que sulquei no fraco lenho
 Entre o rigor dos ventos indomados,
 Me seriaõ suaves, se cuidara,
 Que a fortuna a este porto me arrojara.

Ha

XCVIII.

Ha muitos annos, Gorgoris dizia,
 Que vos venero só por nome, e fama;
 Que ouvindo amor nos animos se cria,
 Como por olhos por ouvidos se ama:
 O que de Achilles, e de vós ouvia.
 E de Troya já entregue á mortal flama,
 Me acendia num fogo, e num desejo
 De ir ver o Xanto, e de esquecer o Tejo.

XCIX.

Na regia sala a Ulysses esperava
 Astrea com Calypso peregrina
 No parecer, que os ares inflammava
 Nos rayos de tua luz clara, e divina:
 O paço de tapizes se adornava,
 De Persico brocado, e seda fina,
 As lavradas cadeiras poem diante
 De evano, e puras linhas de elefante.

C. X

A todos diz Ulysses: Justamente
 Espero achar em vós favor, e amparo,
 Podendome animar ser descendente
 Do vosso mesmo sangue illustre, e claro:
 Gerou Achrisio Jove, elle o valente
 Laerte de Anticlea esposo charo,
 Destes nasci, a quem o fado chama
 Por trabalhos sem fim á immortal fama.

CI.

Vós procedeis de Danae, por quem dece
 Jupiter namorado, e taõ rendido,
 Que em graos de ouro por preço se offerece,
 Do Olympo, e suas grandezas esquecido:
 Avô de ambos he Jove, e se conhece
 Ter deste illustre tronco procedido
 Os grandes ramos desta planta altiva,
 Donde dos dous o sangue se deriva.

CII.

Asentaõse, e Ulysses levantando
 A voz, que de Hybla os favos igualava,
 As iras de Neptuno vay contando,
 Que pelo cego filho executava:
 De Circe o gazalhado, e como entrando
 Nos campos infernaes, que a Estige lava,
 Só por ver Anticlea aventurara
 Ao Cerbero trifauce a vida chara.

CIII.

Pendem de sua boca, em quanto conta
 Da navegaçãõ larga o graõ perigo,
 Doce a memoria faz da antiga affronta
 Com graça nova, e com saber antigo:
 Calypso (que com a alma, e vista pronta
 Tecendo hum labyrintho está comfigo
 Do que ouve ao Capitãõ grave, e eloquente)
 Hum cego fogo nas entranhas sente.

CIV.

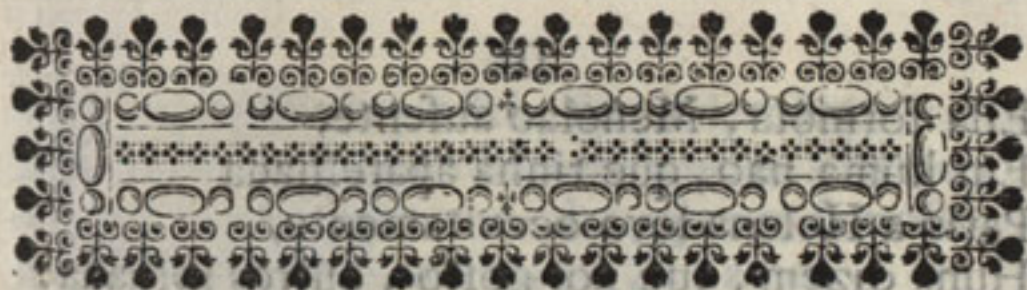
Entre as Reaes pessoas assentado
 Ulysses se enlevava no que via
 Da formosa Calypso, que a seu lado
 Mais formosa que o Sol lhe parecia:
 Nos olhos se encontravaõ, e alterado
 O coração na vista suspendia,
 Descubriendo o que sente no que calla,
 Que amor he mudo, e pelos olhos falla.

CV.

Era gastada a vagarosa tarde,
 E das estrellas lucidas cahindo
 A noite escura vem lenta, e cobarde,
 A sombra as portas do temor abrindo:
 Quando a formosa sala em fogos arde,
 Hum novo, e claro dia repetindo,
 Enchiaõ lautamente a regia meza
 Os manjares com pompa, e com grandeza.

CVI.

Vencida a cea, ao Capitaõ famoso
 Perguntavaõ da guerra, e da victoria
 As causas, porque o llyon poderoso
 Perdera a antiga, e peregrina gloria:
 E do exercito Grego victorioso
 As batalhas, que tinha na memoria:
 (Por lhe dar gosto o Grego referia
 Com grave, e branda voz, e assim dizia.



ARGUMENTO

DO SEXTO CANTO.

DE Helena orapto a Gorgoris contava
 O Grego, e grande Armada, que partia,
 Como com Paris em duello entrava
 O Atrida, a que Acidalia defendia:
 E como Rhejo a soccorrer chegava,
 E com Heytor Achilles combatia,
 A morte de Dolon, e como o duro
 Grego abrazou de Troya o forte muro.

I.



O' aquelle raro monstro de belleza,
 No mundo por desgraças affamado,
 Que de Leda, e de Jupiter se preza
 Menelao, diz Ulyses, foy casado:
 De cuja vista a liberdade preza
 Paris contente vio amante, e amado,
 Que Venus quiz mostrar-se agradecida
 Da sentença, que deo por ella em Ida.

Ella

II.

Ella formosa, Menelao ausente,
 Em huma nao, que tinha aparelhada
 Paris a Helena leva occultamente,
 Huns dizem, que por gosto, outros forçada:
 Já o filho de Atreu, que a injuria sente,
 Agamenon convoca, e n'huma Armada,
 Que debaixo escondia o mar Egeo,
 Parte, e com elle o filho de Peleo.

III.

Em mil armadas naos o acompanhavaõ
 Os povos de Boecia, e Panopea,
 Os de Daulida, e Crisia, e os que gostavaõ
 Do famoso Cefiso a fertil vea:
 Os que a fonte Lilea povoavaõ,
 E os da famosa Euboya, e Eritrea,
 Que saõ os que ha de mais valente peito,
 Do ponto Euxino até o Herculeo estreito.

IV.

De Thirintia, e de Herminia a forte gente,
 E c'os Argivos os de Esparta, e Faro,
 E os que bebem de Amiclas a corrente,
 E de Trios ameno o crystal claro:
 De Troise, e de Pidauro juntamente,
 Da forte Egina o lavrador avaro,
 E os de Helle, onde já foy navegante
 Helle, que á esposa foge de Atamante.

Vem

V.

Vem os de Creta, e Rhodes valerosos
 Myrmidones, e os de Ithaca, que eu chamo;
 Que he terra, e gente minha, que os famosos
 Soldados seguem de Egilipe, e Samo,
 Os Arcades, e Etolios generosos,
 A queorna a testa o victorioso ramo;
 Que he pouco todo o liquido elemento
 A tanta faya, a tanta vela o vento.

VI.

Partio a grossa Armada, e hia cubrindo
 O mar, que hum grande bosque parecia;
 A azul espalda de Neptuno abrindo,
 Já a terra a pezada ancora mordia:
 A gente sahe na praya, o Sol ferindo
 Nas armas, representa o ar, que ardia,
 Campo de fogo, e a gente, que marchava,
 No estrepito hum trovaõ, que atravessava.

VII.

Todos desembarcámos n'hum momento,
 Os cavallos aos carros ajuntámos,
 E pelo largo campo ao leve vento
 As alegres bandeiras despregámos:
 Cercaõ vallos o grande alojamento,
 Vestem tendas o campo, que occupámos,
 O Xanto geme, as terras emmudecem,
 E da alta Troya os muros estremecem.

VIII.

Junto de Troya hum pouco se levanta
 Hum eminente passo, donde tinha
 Exploradores Priamo, que espanta,
 O esquadraõ, que talando as terras vinha:
 Estes lhe dizem, como a gente he tanta,
 Que inunda os largos campos, e caminha
 Para seus muros; e do grave espanto
 Atonito de a ver se pára o Xanto.

IX.

Bem como o lavrador, que da semente
 Os graves sulcos tinha enriquecido,
 Vendo o rio inundar, e que a crescente,
 Tem já suas verdes margens excedido,
 Contempla do alto a rápida corrente
 Do rio pelos campos estendido,
 E vê, que affogará qualquer tardança
 Da verde terra a fertil esperança.

XV

Tal dos seus está Priamo cercado,
 Com que este grave aperto conferia,
 Hum vota sem alento, e perturbado,
 No rosto a outro o coração se via:
 Naõ soffre dilaçoens tempo apertado,
 Antenor sabio, e velho lhe dizia:
 Co' as armas recebamos o inimigo,
 Entrando todos no commum perigo.

XI.

Ao uso de Bellona offerecido
 Já não abria a terra o ferro duro,
 Em forte lança, e espada convertido,
 Em elmo, e peito lucido, e seguro:
 A fouce, e antigo rastro, que escondido
 Estava na ferrugem, limpo, e puro
 Sahe para ver o Sol resplandecente
 Com nova fôrma da fornalha ardente.

XII.

Ordenase, que o grande Heytor tomasse
 A redea, e Capitaens consigo eleja,
 Que repartisse as hostes, e ordenasse
 O campo, e dêsse o modo da peleja:
 Que os de Dardania Eneas governasse,
 E acompanhado neste officio seja
 De Archiloco, e Achamas cavalleiros,
 Ambos de estranha força, ambos guerreiros.

XIII.

Que a forte gente, que da fertil Ida
 Sahio até a ribeira celebrada
 De Esopo pelas armas taõ temida,
 Seja do forte Adresto governada:
 A quem do pay Precopio a conhecida
 Morte (que he sabio) foy prognosticada,
 Sem o mover do intento, que forçado
 Pelos cabellos o arrastava o fado.

XIV.

De Arisbe, Cesto, e Abido a dura gente
 O valente Hyrtacides governava,
 Que os cavallos, que cria a Seelente
 Ribeira, ferocissimos domava,
 Os Pelafgos Hypoto, que a excellente
 Larissa deo, que Pilio acompanhava,
 Ambos filhos de Letho, e não tem conto
 Os que Achamas trouxera do Helleiponto.

XV.

Como a guerra, e furor por pontos crece,
 A gente popular, que o risco via,
 Diz a Paris, que injusta acção parece
 Negar a Menelao o que pedia:
 Outro diz, que a contenda só merece,
 Que os dous provem seu braço, e valentia;
 Que elles só fação a aspera peleja,
 E ao vencedor Helena o premio seja.

XVI.

Este concerto Paris não recusa,
 E a todos com valor se poem diante,
 Por entre a multidão cega, e confusa
 Falla com voz composta, e arrogante:
 O ignaro povo sem razão me accusa,
 Que com espada, e coração constante
 Nada temo, que sabe o animo forte
 Forçar estrellas, e vencer a forte.

XVII.

Já o duello os Gregos lhe pediaõ,
 Paris se offerencia ousadamente
 A' duvidosa forte, e já vestiaõ
 Sobre a tecida malha o arnez luzente:
 Já Gregos, e Troyanos concorriaõ
 No campo, que guarnece Marte ardente
 De Capitaens, e de armas, que o cercavaõ,
 Que alegre vista, e horrida formavaõ.

XVIII.

Depois de assim o duello concertado,
 O lugar da batalha se affinala,
 Já tinhaõ varias rezes degollado,
 E o cheiro de Pancaya o fogo exhala:
 Menelao ante Jupiter prostrado
 Sua grave affronta com silencio fala,
 Cada qual promettendo fé segura,
 Por Febo intonso, e Phlegetonte o jura.

XIX.

Concertaõ, que o que delles for vencido;
 Ou vencer, com Helena juntamente
 As ioyas goze, ou torne a seu marido,
 Segundo a sorte for triste, ou contente:
 Paris as fortes armas tem vestido,
 E embraçado o escudo refulgente,
 Com agulha a correa debuxada,
 De que pendia a generosa espada.

XX.

A celada compoem , onde se aperta
 A famosa plumagem , que brotava
 Da boca de huma serpe , que desperta
 Nos olhos , como viva , scintilava :
 Tem Menelao a colera encuberta,
 Que n'alma a grave dor dissimulava,
 Qual vendo o javali irado treme
 O libré o forte, e por soltar-se geme.

XXI.

Deo a Paris lugar primeiro a forte,
 Para feir co' a lança ao inimigo,
 Naõ quer Priamo ver taõ duro, e forte
 Combate , e ao caro filho em tal perigo :
 Que Paris vença , ou tenha honrada morte,
 (Diz elle) ou caso adverso , ou fado amigo,
 Naõ poderey ver transe taõ custoso,
 Tudo em maõs deixo a Jove poderoso.

XXII.

Do campo se sahio , e levantando
 O braço, Paris tira a grossa lança,
 Menelao a recebe no dobrado
 Escudo , onde ferindo ella descança :
 A sua voa , e rompe o ar delgado ,
 E Paris affrontado da tardança ,
 Cuberto do escudo , com mór pressa
 Contra o ferro inimigo se arremessa.

XXIII.

Já cada qual dos dous a espada ardente
 Mostra nos duros punhos apertada,
 Sobre elmo, sobre escudo refulgente
 Os golpes soaõ de huma, e d'outra espada:
 Pariz ajoelhou, a que o valente
 Menelao corre, e azindo da celada,
 Arrastando o levava, onde acabara,
 Se Venus, que isto via, o naõ guardara.

XXIV.

Huma forte correa, que o trazia
 Já sem alento, Venus lhe desfata;
 Com elle n'uma nuvem se escondia,
 Que sobre o largo campo se dilata:
 Da vista foge, e Menelao, que via
 Voar a nuvem em circulos de prata,
 Acidalia conhece, que ao Troyano
 A vida quiz salvar por este engano.

XXV.

Nas maõs lhe fica o elmo, e descontente
 Com ira o rompe, e vinga a sorte escaça,
 Qual o touro feroz, que ao lado fente
 O que a defasiallo entrou na praça,
 Se a capa lhe deixou, corre vehemente,
 E co'a testa inclinada a despedaça,
 Tal Menelao nas maõs tendo a celada,
 Lhe diz: Perjuros, que he da fé jurada?

Ferve

XXVI.

Ferve o concurso, os campos se alteravaõ,
 Huns, e outros com armas acodiaõ,
 Huns o defendem, outros o accusavaõ,
 E o tumulto co' as vozes acendiaõ:
 Os Gregos Capitaens com força instavaõ,
 Que quebrarse os concertos naõ podiaõ,
 E entre esta confusaõ está diante
 Menelao victorioso, e arrogante.

XXVII.

Já o Rey de Missena em toda a parte
 Manda as tubas tocar, para que o siga
 O Grego bando, e qual irado Marte
 De Troya os muros a tremer obriga:
 Sobre o carro veloz furioso parte,
 Que destramente guia o velho auriga,
 Toma nas maõs a lança, e parecia
 Hum cometa, que infaulsta luz vertia.

XXVIII.

Qual no Ceo claro a autumnal estrella
 Vence os densos vapores refulgente,
 Quando a medonha luz, que nasce della
 Com males ameaça a mortal gente:
 Assim o Grego nesta parte, e aquella
 As esquadras visita diligente,
 Vendo, ordenando, e abrazando tudo
 Co' a luz medonha do temido escudo.

XXIX.

Marchavaõ já as esquadras ordenadas,
 Como as ondas, que o bravo mar levanta,
 Que humas succedem a outras apressadas,
 Té que na praya o rolo se quebranta:
 E encontrando nas rochas levantadas,
 Ferem com tal braveza, e furia tanta,
 Que erguendo o mar escumas arrogante,
 Mostra que as ferras quer levar diante.

XXX.

Os Gregos vaõ desta arte arremetendo,
 Mostrando animos fortes, e guerreiros,
 Honrosas mortes dando, e recebendo,
 Onde desejaõ todos ser primeiros:
 Aos que o lugar, e a vida vaõ perdendo,
 Succedem no perigo os derradeiros,
 Cahe Archidamo alli qual grande torre,
 Que he o primeiro, que entre as lanças morre.

XXXI.

A este mata Anthiloco arrojando
 A lança, que os delgados ares parte,
 Que o bem dobrado escudo atravessando
 I he passa o peito de huma, e d'outra parte:
 No ar Creonte o braço levantando,
 Que de seus tiros treme o proprio Marte,
 Lançar a muitos faz de cada tiro
 A alma envolta no ultimo suspiro.

Logo

XXXII.

Logo o filho de Priamo galhardo
 Antifo, para darlhe escura morte,
 Animoso vibrava o mortal dardo,
 Que a Licaon levou a imiga sorte:
 Eu, que o via cahir, para o bastardo
 Antifo ardendo huma mortal, e forte
 Lança arrojey, que na soberba fronte
 Caminho abrio do altivo Archigeronte.

XXXIII.

O forte Diomedes neste dia
 Como hnm leão correndo desatado,
 Pelas Troyanas lanças se metia,
 Como se fora o campo desarmado:
 A Heytor buscando, as hostes discorria,
 Tendo o campo de corpos semeado,
 Pandaro o via, e logo da encurvada
 Lua soltava a dura setta ervada.

XXXIV.

Junto do hombro o fere, onde a armadura
 Lugar ao golpe dava, mal ferido
 Diomedes se conhece, que da pura
 Pallas foy levantado, e soccorrido:
 Nectar lhe applica, e co' a divina cura
 Mais forte ao campo torna, e mais temido,
 Salta no carro, que Nifiros guia,
 Que leu pezo, e governo conhecia.

XXXV.

Ao atrevido Pandaro defende
 Eneas em seu carro, onde seguro
 Não está de Tydides, que pertende
 A vingança co' ferro, e braço duro:
 A grave lança atira, os ares fende,
 Até parar tingindo o ferro puro
 No sangue de Phegeo, que morto, e exangue
 Vomita a vida no espumoso sangue.

XXXVI.

Já co' a espada na mão do carro salta,
 A que Eneas se oppoem no campo aberto,
 Hum baixa a espada traz, outro a poem alta,
 Hum descoberto o corpo, outro cuberto:
 Fere a Eneas na perna, onde se esinalta
 De sangue o verde campo, e tinha perto
 Da vida o triste fim, se Venus chara
 Deste grave perigo o não guardara.

XXXVII.

Elle, que nos enganos a conhece,
 Contra Venus a espada ergue atrevida,
 Correndo vay, e Venus estremece,
 Que de hum golpe na mão se achou ferida:
 Deixando o campo já desapparece,
 E na sala dos deoses offendida
 A Jupiter chorando o caso conta,
 E affrontada faz bella a propria affronta.

XXXVIII.

Marte , ou fosse movido de alta inveja,
 A Diomedes se oppoz bravo diante,
 Ou movido de amor antigo seja,
 Com elmo ardente, e hombros de diamante,
 Chamando o está com vozes á peleja,
 A que elle sahe com coração constante,
 E a grossa lança cada hum despede
 Com força desigual, com igual sede.

XXXIX.

Pallas, que a Diomedes acompanha,
 De Marte a forte lança lhe desvia,
 E a de Tydides com huma furia estranha
 Contra Mavorte pelos ares guia:
 Toca de Marte o peito, e com tamanha
 Força nas fortes armas o feria,
 Que torna atras, ao ar resurtem logo
 Faiscas, que acendiaõ Marte em fogo.

XL.

Os Troyanos cansados não podendo
 Sustentar-se no campo, as costas davaõ,
 Vaõse aos muros, e vallos recolhendo,
 Donde dardos, e lanças arrojavaõ:
 Heytor bravo na voz, na vista horrendo,
 Corrido de que os seus se retiravaõ,
 De colera abrazado, de ira cego
 Correr mil rios faz de sangue Grego.

XLI.

Assim rindo a fortuna ora aos Troyanos,
 Ora aos Gregos, as sortes variava,
 E sustentando a guerra tantos annos,
 A nenhuma das partes inclinava:
 Que entre os deoses do Olympo soberanos
 Favor Venus a Troya, e a Grecia dava
 Pallas, e Heytor, que estas tardanças sente,
 Dos Gregos desafia o mais valente.

XLII.

Antes que o caso em sortes se possesse,
 Para o campo sahir se offerencia
 O forte Agamenon, que resplandece,
 Como Marte, nas armas, que vestia:
 Hum nobre, e honroso fogo em todos crece
 De mostrar seu valor, e galhardia,
 Buscando em dura guerra honrada morte;
 Cahe em Creonte a duvidosa sorte.

XLIII.

Entraõ no campo os monstros de braveza,
 Em quem das armas o valor se encerra,
 Os escudos embraçaõ com destreza,
 E debaixo dos pés lhe treme a terra:
 Nas forças, e valor cada hum se preza
 De ser mayor que o mesmo Deos da guerra;
 Metendose na espada do inimigo
 Esquecidos da vida, e do perigo.

Nos

XLIV.

Nos escudos fortísimos reparaõ
 Os golpes, que naõ cahem sem grande effeito,
 Correndo hum para o outro se toparaõ,
 Opondo escudo a escudo, e peito a peito:
 As ardentes espadas levantaraõ,
 E já o escudo em muitas partes feito
 Mal defendia os corpos, e as dobradas
 Armas se vem dos golpes aboladas.

XLV.

Nem de Vulcano na horrída officina
 Os pezados martellos tanto soaõ,
 Quando a massa estendendo diamantina
 Succede hum golpe ao outro, e tudo atroaõ:
 Das fortes armas, e da malha fina
 Já muitas peças pelos ares voaõ,
 E do espumoso sangue, que corria,
 Roxa a armadura toda perecia.

XLVI.

Do Olimpo o grande Jupiter olhava
 A batalha taõ aspera, e temida,
 De Creonte, que a Parca ameaçava,
 Quiz o fio estender da breve vida:
 Ao Sol, que ao Occidente caminhava,
 Fez que tomasse mais veloz corrida,
 E a noite o negro coche acelerasse,
 Porque a batalha fervida atalhasse.

Quan-

XLVII.

Quando com justo passo a Aurora abria
 Nos Ceos a claridade matutina,
 Vendo o filho de Atreu, que vinha o dia,
 A morrer, ou vencer se determina:
 Já os muros, gritando, acometia:
 Quando a varia fortuna, que se inclina
 Em favor dos Troyanos, nos mostrava,
 Que ella mesmo por elles pelejava.

XLVIII.

Nesta batalha os deoses soberanos
 Ao grande Heitor favor, e ajuda deraõ,
 E com mortes crueis, e graves danos
 Os Gregos até as naos se recolheraõ:
 Ficaraõ victoriosos os Troyanos,
 E por saber o que fazer esperaõ,
 Como cuberto o ar de sombra vimos,
 A explorar o inimigo nos partimos.

XLIX.

Com Diomedes parti, quando occupava
 Da parda terra a noite a escura fronte,
 O Ceo com suas luzes scintilava,
 Que as trévas affugentaõ do horizonte:
 Quando perto Diomedes divizava
 Huma sombra, que desce do alto monte,
 Escondidos estamos esperando,
 Té ver, que a sombra a nós se vem chegando

Era

LIX

Era Dolon Troyano, que se atreve
 Vir ao campo dos Gregos no segredo
 Da noite escura, cuja sombra leve
 Sepulta os valles, que occupou mais cedo:
 Elle a estrada repete escura, e breve,
 Ligeiras azas lhe emprestava o medo,
 Fugio, foy perseguido, e foy tomado
 Pegada a voz ás fauces de affrontado.

LI.

Conta-nos como o grande Heitor deseja
 Saber o que no exercito passava,
 Que a elle o manda, por que note, e veja
 Se a gente Grega espera, ou se embarcava:
 Se os animos dispoem para a peleja,
 E o que sobre isto entre elles se tratava:
 A ver, dizia, estes segredos vinha,
 E aqui me trouxe a má fortuna minha.

LII.

Entaõ lhe foy Diomedes perguntando
 O modo, em que os Troyanos se alojavaõ,
 Tudo o prezo Dolon lhe hia contando,
 Os lugares, e postos, que occupavaõ:
 E que em o Sol c'os raros apontando,
 Para ir queimar as naos se aparelhavaõ,
 E como de soccorro o valeroso
 Rheso veyo c'o Thrace bellicoso.

O qual

LIII.

O qual hum carro traz , que bem podia
 Competir c'ò do Sol em formosura,
 Cujos cavallos cada qual vencia
 Nos pés o vento , a neve na brancura:
 E que entre as mais riquezas , que trazia,
 He de ouro huma fortissima armadura,
 Que prezo me tenhais , me diz , confinto
 Até verdes c'os olhos , que não minto.

LIV.

Diomedes lhe tornou : Pois na temida
 Noite te atreves com ligeira planta
 Os Gregos explorar , paga co' a vida
 Taõ grande atrevimento , astucia tanta:
 Dos hombros a cabeça dividida
 Lhe cahe , cegando a espada a vil garganta;
 Lança c'ò sangue a alma , e o triste espirito
 Desce bramindo ás aguas de Cocito.

LV.

Logo o caminho fomos profeguindo,
 Até que no arrayal contrario entrando,
 A muitos , que em descuido estão dormindo;
 Do sono a eterno sono imos passando:
 Dalli a grande tenda descobrindo,
 Que Rhefo occupa com repouso brando,
 Eu lhe corto a cabeça , e o corpo frio
 Lança de sangue hum caudaloso rio.

E dan-

LVI.

E dando a mesma morte aos que o guardavaõ,
 Os cavallos ao carro inligne atámos,
 E as armas, que ao redor pendendo estavaõ,
 Victoriosos, e alegres carregámos:
 As redeas, com que brandos se domavaõ
 Os ligeiros cavallos, concertámos,
 Quantos o carro vem, cuidaõ, que Rhefo
 He da quadrilha o glorioso peso.

LVII.

Sahimo-nos do campo, conhecendo,
 Que o esquadraõ belligero se armava
 Para com a nova luz amanhecendo
 Ir sobre a Armada, que no porto estava:
 Agamenon o carro, e preza vendo,
 Honras nos promettia, os braços dava,
 As armas, e os cavallos vê nevados,
 Que parece que ao Sol foraõ furtados.

LVIII.

Apenas cahe sobre os mayores montes
 A duvidosa luz do Sol ardente,
 Subindo aos abrazados horizontes
 Para espertar no mundo a cega gente:
 Quando qual rio, que as antigas pontes
 Ameaçando, corre impaciente,
 Se diffundia o imigo, que se chega
 A pôr a fogo, e ferro a Armada Grega.

LIX.

O largo campo de armas inundava,
 E a Grega gente toda recolhida
 Defenderse nos vallos procurava,
 Tratando huns da victoria, outros da vida:
 A Diomedes huma setta, que voava,
 De purpura banhou de huma ferida,
 Que peleja taõ dura, e porfiada
 Nem esta idade a vio, nem a passada.

LX.

A's naos levava Heitor ardentes flãmas,
 Fogo, gritava, ás naos, a quem seguiaõ
 Alchatoe, e Agenor, e Polydamas,
 E outros que ao mesmo effeito concorriaõ:
 Cingindo as fronte de eminentes ramas
 Os filhos de Antenor alli se viaõ,
 Levar ás naos as flammaz crepitantes,
 Archiloco era hum, outro Atamantes.

LXI.

Isto o famoso Achilles considera,
 E suas armas a Patroclo vestia,
 Que aos Troyanos vencer co' a fama espera,
 Tanto o braço de Achilles se temia!
 E cuidando os que o vem que Achilles era,
 Todo o arrayal voltava, e lhe fugia,
 A quem o medo a morte faz presente,
 Que tanto a opiniaõ póde entre a gente.

O

Com

LXII.

Como o lobo voraz, que na manada
 Das ovelhas entrou, ellas sentindo
 O inimigo, com furia arrebatada
 Sem ordem derramadas vaõ fugindo:
 Tal ao furor da generosa espada,
 Com que largo caminho vay abrindo,
 As hostes inimigas se apartavaõ,
 E as espaldas fugindo lhe mostravaõ.

LXIII.

Declarase a fortuna entaõ notoria
 Por nossa parte, e Patroclo a seguia
 Querendo entrar em Troya, que a victoria
 Neste falso favor se promettia:
 Achase o mór perigo na mór gloria,
 Quando co' a lança as portas já feria,
 Na maõ de Apollo o arco, e corda soa,
 E nas azas da setta a morte voa.

LXIV.

No rosto o fere, e logo sobre a terra
 Inclina, pondo a maõ por sustentarse,
 Co' a eterna sombra os olhos abre, e cerra,
 Provando em vaõ tres vezes levantar-se:
 Sobre elle corre Heitor, adonde a guerra
 Mais aspera começa a declarar-se,
 Contra Patroclo hum corre a despojallo,
 Outro por defendello, e por livrallo.

LXV.

Como, quando dobrando seus ardores
 O Syrio fogo, as melles carregadas
 Vão derrubando os duros segadores,
 Que pelo campo atraz deixoã cortadas:
 Assim se vem por mãos dos vencedores
 Muitas gargantas pelo chaõ segadas,
 Jazem truncados corpos sobre a terra,
 Amargo fructo da sanguinea guerra.

LXVI.

Alli o bravo Heitor, que não descança,
 Vendo que o elmo a Patroclo cahira,
 Lhe arroja a grande, e temerosa lança,
 Que as vias atalhou, com que respira:
 A purpurea alma da ferida lança,
 Que a Phlegetonte desce ardendo em ira,
 Sem lhe valerem armas, porque veja
 Que contra o fado, e Ceo ninguem peleja.

LXVII.

Entre o rigor das armas retirado
 Comfigo Achilles só considerava
 As mortes, com que cobre Marte irado
 As prayas, que co' sangue o Xanto lava:
 Ou porque de Briseida privado
 Agamenon o tem, que mais amava,
 Ou porque se entretem na doce pena,
 Que a vista lhe causou de Policena.

LXVIII.

A morte sente do fiel amigo
 Achilles, e de dor, e de ira infano
 Já defeja meterse no perigo
 Para de fangue se fartar Troyano:
 Já desprezando estava o ocio antigo,
 Vendo que causar póde mayor dano
 Qualquer tardança; o peito, e a celada
 Adapta, ao lado cinge a forte espada.

LXIX.

Já de Thetis o filho valeroso
 Junta ao carro os cavallos, que no rafo
 Campo leuaõ com curso impetuoso
 Balio, Capystro, e Xanto com Pedafio:
 O Hespero imitando temeroso,
 Quando encendido corre pelo Occaso,
 Levando a invicta espada, e braço forte
 Co' ultimo castigo o horror da morte.

LXX.

Os Troyanos o vem com grande espanto
 De fortes membros, de virtude rara,
 E qualquer, que ouza velo, o teme tanto,
 Que o campo, e proprias armas desampar.
 Mudada leva a cor o claro Xanto
 Do muito fangue, e impedido pára
 Dos que a morte da espada naõ quizeraõ,
 E nadando nas ondas a beberaõ.

LXXI.

Como a langosta fardida passando
 Hum lago, ou rio de voar cansada,
 Huma sobre outra morre, e vay formando
 Para a que detraz vem segura estrada:
 Assim os Troyanos por fugir nadando
 De Achilles, que os seguia, á forte espada,
 Entravaõ no Escamandro, e na corrente
 Huns morrem, outros passaõ juntamente.

LXXII.

Nas veas congelado o medo frio,
 As armas os Troyanos recusavaõ,
 Esquecido o valor, e antigo brio,
 Para salvar a vida as costas davaõ:
 Heitor Achilles chama a desafio,
 Hum contra o outro as lanças arrojavaõ,
 Achilles Marte Grego, e da outra parte
 O valeroso Heitor Troyano Marte.

LXXIII.

Erguia Heitor o braço, donde a lança
 (Que era huma faya) despedida dece,
 Que ameaçando tudo, quanto alcança,
 Rayo na mão de Jupiter parece:
 Cortando os ares vem té que descança
 No escudo, com que Achilles se offerece
 Ao golpe, a lança fere, e não podendo
 Passar, do que fizera está tremendo.

De

LXXIV.

De Heitor o Grego o peito rutilante
 Reconhece, que a Patroclo vestira,
 Embravece co' a dor de o ver diante,
 E da vista arrojava rayos de ira:
 A hum tigre ferido semelhante,
 Que a varia pelle arriça, e fogo espira,
 Quando do silvo, ou letta provocado
 Nas lanças entra de fereza armado.

LXXV.

Na maõ a grossa lança sopezando,
 Todo em corage, e em furor se acende,
 Que do escudo huma parte penetrando,
 Já nelle preza inutilmente pende:
 As espadas nos punhos apertando,
 Cada qual desce, a seu contrario attende,
 Que toparse vieraõ fronte a fronte,
 Qual se hum monte topara n'outro monte.

LXXVI.

Nem quando impera Jove soberano
 Com tal furor os Cyclopes valentes,
 Nas negras ferrarias de Vulcano
 Lhe forjaõ rayos lucidos, e ardentes,
 Como o Capitaõ Grego, e o Troyano
 As espadas levantaõ refulgentes,
 Ferindo os elmos, onde tremolavaõ
 As plumas, de que o campo semeavaõ,

LXXVII.

Qual dous leoens famintos sobre a preza
 Do veado, que morto tem diante,
 Chea a boca de sangue, e de braveza,
 Cada qual mais cruel, mais arrogante:
 A escura vista em puro fogo aceza,
 Dando hum rugido, e outro penetrante,
 Se abraçaõ, rasgaõ, té que o mais ferido
 Sem descubrir fraqueza, cahe rendido.

LXXVIII.

Affim os monstros da guerra arremetiaõ,
 Do alto abaixo olhando se buscavaõ,
 N'huma parte apontavaõ, outra feriaõ,
 E as mais vezes o golpe executavaõ:
 Agora as armas com engano abriaõ,
 E nellas juntamente se cerravaõ,
 Tentandose por huma, e outra parte,
 Oppondo a arte á força, e a força á arte.

LXXIX.

Prova o valente Heitor toda a destreza,
 Que em vaõ ferir Achilles pertendia,
 Acha nelle, e nas armas a defeza,
 Que a toda a espada, e forças resistia:
 Bem como a ignea pedra ardendo aceza
 Dos golpes do fuzil, já o ar se via
 Das ardentes faiscas abrazado,
 Que resurtem do escudo temperado.

Hei-

LXXX.

Heitor a fria morte vê defronte,
 Que na espada inimiga anda escondida
 Em negro sangue de huma, e d'outra fo
 Vay pouco a pouco destilando a vida:
 A armadura mais forte, que fez Bronte,
 Por mil partes estava dividida,
 O aperto, a que a vida he já chegada,
 Com mil bocas o diz a propria espada.

LXXXI.

Conhece-se ferido, e que o fervente
 Sangue já as fortes armas lhe banhava,
 Contra Achilles corria impaciente,
 Que a vida, e o perigo desprezava:
 Girava a hum lado, e a outro a espada ardente,
 Co' a voz, que solta, aos montes abalava,
 Que hum trovão parecia a voz pezada,
 Traz elle hum rayo o fulminar da espada.

LXXXII.

Sentia a coxa esquerda mal ferida,
 O escudo lança atraz, a espada afferra,
 Que sobre Achilles cahe grave, e temida,
 Com que ambos os joelhos poz por terra:
 Bravo se ergue da affronta recebida,
 Aperta os dentes, co' inimigo cerra,
 Nos braços o levanta, e entre os braços
 Se dão ambos durissimos abraços.

LXXXIII.

Nem da setta belligera feridos
 O urso fero ou javali arrogante
 Fazem soar taõ grave a seus bramidos
 A gruta, ou a caverna mais distante:
 Com quanta força os Capitaens temidos
 Para affrontar-se os peitos poem diante,
 A seus braços os montes responderaõ,
 E feridos da planta estremeceraõ.

LXXXIV.

Como se Peleo, e Olympo se topassem
 De duras rochas fronte, e peito armados,
 E na tosca aspereza se abraçassem
 Co's braços de seus troncos carregados,
 E em fontes de apertados rebentassem:
 Assim estes vivos montes abraçados
 Se apertaõ, onde Heitor qual vivo monte
 Brotava sangue de huma, e d'outra fonte.

LXXXV.

Importalhe ajudarse de destreza
 Na palestra, em que o corpo exercitava,
 Tenta co' a força Achilles na fraqueza
 Das pernas, que hum estende, outro encurvava;
 Fazendo vacillar a fortaleza
 Das colunas, que Alcides respeitava,
 E Achilles affrontado do perigo
 A destreza temia do inimigo.

LXXXVI.

O braço cada qual irado estende,
 E co' inimigo se ata em laço estreito,
 Huma vez se soltava, outra se prende
 Torcendo os braços, chegaõ peito a peito:
 No ar o Grego o grande Heitor suspende,
 Depois que varias provas teve feito,
 Grande parte do campo assim discorre,
 Credo trazer nos braços huma torre.

LXXXVII.

De naõ vencer corrido, e affrontado,
 O corpo robustissimo cingia,
 E o grave pezo n'um, e n'outro lado
 Vacillando, mostrava que cahia:
 Porém todo pendente, e reclinado
 Com novo esforço, e nova valentia
 Em pé ficava, quando á terra inclina
 Depois de ameaçar fatal ruina.

LXXXVIII.

Como Antheon o duro Heytor ficava
 Depois de ter tocado a amiga terra,
 De novas forças, e vigor se armava
 Para seguir a começada guerra:
 Maravilhado Achilles se mostrava,
 Vendo o valor, que no alto peito encerra,
 Que seu grande vigor o defengana,
 Que naõ he seu esforço cousa humana.

LXXXIX.

Vio começar o Sol este duello,
 E já entã inclinava a luz Febea,
 Sem fangue se acha Heitor, que de perdello
 Roxa tornada tinha a branca area:
 Achilles, que na maõ tinha o cabelo,
 De que a fortuna a escura fronte arrea,
 Bravo, e furioso instava com intento,
 Que não tomasse Heytor hum breve alento.

XC.

Achilles, que se vê mais alentado,
 Estreitamente aperta Heitor comfigo,
 Mete o joelho esquerdo ao dextro lado,
 Carregando nos peitos do inimigo,
 Que sem poder susterse, cahe forçado,
 Sem descuidarse em seu valor antigo,
 Que nos braços o aperta taõ vehemente,
 Que ambos a terra medem juntamente.

XCI.

Heitor, a quem o peito a dura lima
 Da dor grave em mil partes dividia,
 Tendo de Achilles o graõ pezo em cima,
 A quem já constrastar taõ mal podia:
 Mostrando que ainda assim menos o estima,
 D'um lado n'outro o corpo revolvía,
 Que sem temer contrario taõ temido,
 Vencido quer não parecer vencido.

XCII.

Vê no ar levantado o braço forte,
 E apertado hum punhal na dextra erguida,
 Do alto ao rosto vê descer a morte,
 Indo esconderse o ferro na ferida:
 Gozando Achilles mais ditosa forte,
 Os laços corta desta illustre vida,
 Tendo outra vez no ar a adaga fera,
 Como que a alma por ferilla espera.

XCIII.

Triunfa a morte, e Marte do arrogante
 Despojo, que no campo se estendia,
 A espada jaz, e o escudo rutilante,
 Que Grecia toda com razão temia:
 O Ilion poderoso, e triunfante
 Nelle a gloria contempla, que perdia,
 Cuja alta fama, quando o Ceo tocava,
 Nesta viva coluna descansava.

XCIV.

Achilles vencedor quasi vencido
 O escudo abraça, que já mal sustenta,
 Toma a espada das forças impedido,
 E a planta move vagarosa, e lenta:
 De cansado dos golpes, e opprimido
 Estar com pouca força representa,
 E com tremante passo a mão pezada
 Vay fazendo bordão da propria espada.

XCV.

Recolhemse em seus muros os Troyanos,
 As vidas segurando, e defendendo,
 E nelles contra os fados tantos annos
 Sustentaõ o furor de Marte horrendo:
 Eu vendo os riscos, e perpetuos danos
 Que por pontos, e horas vaõ crescendo,
 Hum cavallo inventei, com que podessem
 Entrar em Troya os Gregos, e a rendessem.

XCVI.

No monstruoso corpo, que com tanta
 Soberba cresce, que a arte propria admira,
 Primeiro medo infunde do que espanta,
 Parecendo que he vivo, e que respira,
 Representando hum monte se levanta,
 O largo ventre cheyo de armas, e ira,
 Grave, e fatal prenhez, onde se encerra
 N'uma apparente paz occulta guerra.

XCVII.

No cavallo ficamos encerrados
 Os que a forte escolheo, e a Grega armada
 Fingidamente aos ventos socegados
 Na negra antena solta a vella inchada:
 Vendo que nos partimos, os cansados
 Troyanos sahem ao campo, e a levantada
 Machina os admirava, a alguns parelle
 Que fogo ao graõ cavallo se puzesse.

Dei:

XCVIII.

Deixamos entre os bosques escondido
 Ao astuto Sinon, auctor de enganoso,
 Que se finge dos Gregos offendido,
 Dando nas maõs dos miseros Troyanos:
 Conta que delles tinha recebido
 (Assistindo na guerra tantos annos)
 Males, e affrontas, corre a ouvillo a gente,
 Que enternecida o cria facilmente.

XCIX.

A que viera perguntado, e donde,
 Responde promptamente, e confiado,
 Com lagrimas mistura o que responde,
 Aos que por vello, e ouvillo o tem cercado:
 Sem a fraude luzir que n'alma esconde,
 Lhe conta que o cavallo levantado
 Os Gregos co' trabalho edificaraõ,
 Que á victoriosa Pallas consagraraõ.

C.

Persuademse todos os que ouviaõ
 A Sinon, que o cavallo o muro entrasse,
 Se bem ao rude povo outros diziaõ,
 Que com suppostas chammãs se abrazasse:
 Varios votos se daõ, os mais vencidaõ,
 Que para entrar, o muro se rasgasse,
 Sem ver quaõ grandes erros traz consigo
 Crer a fé, e as offertas do inimigo.

Entra

CI.

Entra o fatal cavallo, e na segura
 Praça o deixaõ ficar, soberbo, e quedo,
 Desce a cobrillo logo a noite escura,
 Que no mar se banhara o Sol mais cedo:
 Naõ se via no Ceo estrella pura,
 Tudo eraõ trevas, tudo horror, e medo,
 E os que encerrados no cavallo estamos,
 Pela sombra a fahida anticipamos.

CII.

Qual da vibora os filhos, que a comprida
 Dilaçaõ do nascer abbreviando,
 Rasgaõ da mãy o ventre, porque a vida
 Tem com sua morte, o morto pay vingando;
 Tal das entranhas, onde está escondida
 A Grega gente, as horas apressando,
 Armada nasce para a dura guerra,
 Como os que semeou Cadmo na terra.

CIII.

De noite as armas vaõ resplandecendo
 Entre as chammas do fogo levantadas,
 Qual c'os rayos de Cynthia o ar ardendo,
 Se vem ondas do mar alumiadas:
 Huns vaõ fugindo, e outros recolhendo
 A dura maõ nas fervidas espadas,
 A sombra o graõ tumulto, e furia augmenta,
 Que os perigos esconde, e os accrescenta.

Cres-

CIV.

Cresce o tumulto, vozes, e armas crecem;
 Que faz a escuridade mais temidas,
 Varias mortes entre ellas se offerecem,
 Dando outra eterna noite a tantas vidas:
 Arde a Neptunia Troya, onde perecem
 Nos fios das espadas homicidas
 Os seus, que Pyrrho com mortal estrago
 De Phrigio fangue faz de Troya hum lago.

CV.

A fabrica mayor, mais levantada,
 Da violencia dos fados opprimida,
 Por maõ da dura guerra cahe prostrada,
 E em sua grandeza mesma está escondida:
 Do eterno pay dos seculos gastada,
 Que tira aos duros marmores a vida
 Trofeos de ambas fortunas, que em pedaços
 Faz na robusta força de seus braços.

CVI.

A natureza, quando Troya ardia,
 Parece que no antigo chaos se encerra,
 O Ceo de negro luto se cobria,
 Quando em sepulchro ardente a Troya enterra,
 Tarda o Sol em trazer o novo dia,
 A escura sombra occupa o mar, e a terra,
 Que por não ver arder cousas tão bellas
 O Ceo cerrava os olhos das estrellas.



ARGUMENTO

DO SETIMO CANTO.

POr festejar Ulysses ordenava
 Gorgoris real caça, e monteria:
 Ulysses, que a Calypso acompanhava,
 Por venturosa sorte se perdia:
 Logo erguia a Lisboa adonde achava
 Agouros de mais alta monarchia,
 Fallalbe o Tejo, e cant a docemente
 Legea altas victorias do Oriente.

I.



Orgoris admirado do que ouvira
 Contar a Ulysses com saber facundo,
 Com inveja de gloria arde, e suspira,
 Porq̃ na ultima parte está do mundoa
 Porém Calypso muito mais se admira:
 Perturbada, e suspensa, no profundo
 Pensamento amoroso combatida,
 De si propria comsigo está rendido.

P

Ca

II.

Calypso pensativa bem mostrava
 Estar ferida de amorosa seta,
 Com varios pensamentos pelejava
 Na melhor parte da alma, e mais secreta:
 Na cama em campo de batalha estava,
 E perturbada a alma, e inquieta;
 Secretario do mal, que traz consigo,
 Ao campo faz, e ao silencio amigo.

III.

Para hum jardim sahia acompanhada
 De huma criada, de quem mais se fia,
 A esta só as historias da abrazada
 Troya, que ao Grego ouvira, repetia:
 Gabalhe a gentileza, e estremada
 Eloquencia, em que a todos excedia,
 Que não póde haver rayo assim violento,
 Como a continuação de hum pensamento.

IV.

Abrindo vinha o Ceo nocturno, e frio
 Do Rey da luz a bella embaixadora,
 E mudando em aljofar o rocio,
 Urnas de ouro derrama a roxa Aurora:
 A branda testa as perolas em fio
 Toucavaõ, com que mais ao Sol namora,
 E com o véo das nuvens, que a cercava,
 Do rosto as frias gotas enxugava.

V.

Festejando a Princeza do Oriente,
 Que sahe as nuvens lucidas pizando;
 Os filhos do ar com pena diligente
 Vinhaõ o Ceo, e a terra namorando:
 Que com farpada lingua docemente
 Naõ aprendida musica espalhando,
 Quando nas leves azas se levantaõ,
 A alma suspendem, e o sentido encantaõ.

VI.

Traz della os abrazados horizontes
 Com ardente pincel o Sol bordava,
 E a altiva testa dos soberbos montes
 De raios de ouro, e prata coroava:
 As plantas, rios, flores, prados, fontes;
 Cada hum com lingua muda ao Sol fallava
 Como que agradecia a graõ belleza,
 Com que enfeitava o Sol a natureza.

VII.

Mostrava a terra verde as bellas flores
 Vestidas com tal graça, e alegria
 De, mais finas, e mais suaves cores,
 Que estarse rindo o prado parecia:
 O vento c'os primeiros resplandõres,
 Entre as folhas callado entaõ dormia,
 E as fontes, que passando murmuravaõ,
 A suave repouõ convidavaõ.

VIII.

Sahe Gorgoris dos seus acompanhado
 Para onde o forte Ulysses o esperava,
 Que corre a recebello alvoroçado,
 A quem no rosto o coração mostrava:
 Porque o monte he de feras povoado,
 Por alegrar a Ulysses ordenava
 Huma caça real, e monteria,
 Com que fatigue a selva, e gaste o dia.

IX.

Já de atavios ricos adornadas
 As egoas remendadas se apercebem,
 Que no campo do Tejo saõ criadas,
 Seus fenos pascem, suas correntes bebem:
 Que de Boreas, e de Euro cubiçadas
 De feu fecundo espirito concebem,
 Dando aos filhos por este nascimento
 A ligeireza do paterno vento.

IX.

Gorgoris para a caça apercebido,
 Das insignias do campo se guarnece,
 Carrega ao hombro de ouro arco brunido,
 E a aljava rica sobre o lado decê:
 No cordaõ de ouro, e seda retorcido
 A esmaltada buzina resplandece,
 Curta lança na mão, que foy mais vezes
 Terror mortal dos javalis montezez.

Entre

XI.

Entre os mais hum libreo leva famoso,
 Branco, de negras malhas todo cheyo,
 De largos peitos, rosto portentoso,
 Que tem a formosura em ser taõ feyo:
 Hia cuberto de aço luminoso,
 Lustroso, forte, e engraçado arreyo,
 No pescoço hum colar, que com pungentes
 Pontas affronta as feras mais valentes.

XII.

Mostra-se logo Astrea, e a formosa
 Calypso ao monte, que se alegra em vellas,
 Qual na noite serena, e luminosa
 Se acende o claro Ceo de luzes bellas:
 Ulysses, que na luz pura, e ditosa
 Das duas suavissimas estrellas
 Se vê abraçar, já de sua dor contente
 Contava á causa della o mal, que sente.

XIII.

Diz a Calypso entãõ: Vede, Senhora,
 Como tudo se alegra em vós sahindo,
 O Ceo, o mar, a terra vos namora,
 E as boninas á roda se estaõ rindo:
 O Sol, porque vos vê na terra agora,
 De envergonhado os rayos encubrindo,
 Das cores, que lhe sahem sobre estes montes,
 Abraza os prateados horizontes.

Qual

XIV.

Qualquer ave, que ao ar livre se estende,
 Vendovos taõ formosa, já parece,
 Que outra voz toma, e outro canto aprende,
 Com que do campo por vos ver se esquece:
 Pois se vos ama quem vos naõ comprende,
 Que fará quem vos ama, e vos conhece,
 Se tudo em fim se rende á vossa vista,
 Quem taõ livre será, que lhe resista?

XV.

Mal (formosa Calypso) o incendio, que arde,
 Mal se esconde o amor, e se refrea,
 Naõ soffre esta afeição, que mais aguarde,
 E o fogo, que em minha alma amor atea:
 Atrevido calley, fallo covarde,
 Naõ tenho coufa, que naõ veja alheya,
 Que em vos vendo, vos dey tudo o que tinha,
 Que até minha alma por ser vossa he minha.

XVI.

E se atégora o medo a voz me atava,
 Naõ he muito ante vós tella impedida,
 Com lingua muda minha dor fallava,
 E a pura alma nos olhos derretida:
 Que os vossos me mataraõ, bem mostrava,
 Sahindo o sangue á vista do homicida,
 Morte, e vida me daõ, vendo-os taõ bellos,
 Desejallos a morte, a vida vellos.

XVII.

Calypso o ouve, e como se envergonha,
 Não responde, e nas faces se cubria
 De huma cor abrazada de vergonha,
 Com que inda mais formosa parecia:
 Bebendo esta suavissima peçonha
 Nas amorosas queixas, que lhe ouvia:
 Quando este gosto alegre lhe interrompem
 Buzinas, que soando os ares rompem.

XVIII.

As vozes dos monteiros o ar feriaõ,
 Com que os ecos nos montes se dobravaõ,
 Prezos nas trellas os libreatos gemiaõ,
 Que a sahir, e a afferrar se aparelhavaõ:
 Já de huma brenha altissima sahiaõ
 Dous javalis, que o monte atraveffavaõ,
 De monstruosos corpos, que fugindo,
 Co' as meyas luas vaõ o mato abrindo.

XIX.

Hum delles corre o monte, não soffrendo
 Dos monteiros as vozes, e o ruido,
 Por hum valle cortava discorrendo,
 Onde possa escapar sem ser sentido,
 Calypso o topa, o palafrem temendo
 A brava féra, pelo monte erguido
 Corre espantado, e Ulysses não descança,
 Té nas entranhas lhe esconder a lança.

Quan-

XX.

Quando tornava alegre, e victorioso,
 E Calypso buscava na espestura,
 A huma, e outra parte temeroso
 Discorria com vista mal segura,
 Cahida em fim a encontra, e do formoso
 Rosto eclipsada a viva formosura,
 Pállido chega, que sem alma vinha,
 Buscando o corpo, que por alma tinha.

XXI.

Com voz saudosa, e de suspiros chea
 As mãos lhe beija, e docemente chora;
 Quizse fazer formosa a morte fea
 Com vossa formosura, alta senhora,
 Lhe diz Ulysses, e da branda vea
 De huma fonte a rocia, e como Aurora,
 Que abre o Oriente, entãõ Calypso abria
 O Sol da vista, donde nasce o dia.

XXII.

Affim com ella entrava desmayada
 Por huma pobre casa de pastores,
 Onde por molle cama, e regalada
 Tem brandas pelles, e puniceas flores;
 Da tarde grande parte era passada
 Em saudosas lagrimas, e amores,
 On de mais testemunhas não se achavaõ,
 Que arroyos, que do caso murmuravaõ.

XXIII.

Nos montes, e apartados arvoredos
 Muitos nocturnos passaros voaraõ,
 E nas concavidades dos penedos
 Vozes de aves infaustas se escutaraõ:
 Sem cothurno, e sem faxa a estes segredos
 Assistio Hymineo, e naõ faltaraõ
 Gemidos de animaes, que o ar abrindo,
 Foraõ tristes agouros repetindo.

XXIV.

Em seus braços Calypso as horas passa,
 Que da prizaõ suave se contenta,
 Hum amoroso laço ambos enlaça,
 Ambos huma alma anima, ambos sustenta:
 Na bella vista, e peregrina graça,
 Em quanto elle seus olhos apascenta,
 Praticando co' a alma a alma estava,
 E o coração co' coração fallava.

XXV.

Está Chelos á vista altivo monte,
 Fertil de muita caça, que com tanta
 Altivez sobre as nuvens ergue a fronte,
 Que do Olympo, e do Pindo se adianta:
 De cuja espalda huma perpetua fonte,
 Cahe até lhe beijar a humilde planta,
 Depois que pelo frio inverno teve
 Penteadas do vento as cans de neve,

XXVI.

Dos monteiros soava a vozeria,
 Das buzinas o estrondo juntamente,
 Ferve a montanha toda, onde tremia
 O tronco mais robusto, e eminente:
 Das altas brenhas o eco respondia,
 Como que a voz humana represente,
 Sahem as feras, deixando suas moradas,
 De ligeireza, e de fereza armadas.

XXVII.

Os animaes cobardes fugitivos
 Sahem em esquadras, cuja variedade
 Espanta, alguns ás mãos se tomaõ vivos,
 Sem lhe valer sua grande agilidade:
 Ligeiros gamos, corços, e os altivos
 Veados sahem, que na velocidade
 Dos pés a vida trazem, e na corrida
 Hiaõ fugindo dilatando a vida.

XXVIII.

Alli hum dobra o arco, a terra esmalta
 Do negro sangue da inocente fera,
 Este subido na arvore mais alta,
 O bravo porco, e o veado espera:
 A rede outro estendia adonde falta,
 Outro do cordaõ larga, onde prendera,
 O libréo forte, e manda que arremeta,
 Sahindo qual de hum arco a aguda seta.

Apos

XXIX.

Apoz fylvestres cabras, que espalhadas
 Pascendo os largos valles vaõ cobrindo,
 Gorgoris vay com voltas dilatadas,
 A humas dando morte, outras seguindo:
 Ellas trepaõ nas penhas levantadas,
 E de huma pedra n'outra vaõ subindo,
 Gorgoris te avantaja na destreza
 A todos, no ar do corpo, e gentileza.

XXX.

Crendo que entrara Ulysses na espestura,
 Pelo alcançar os montes fatigava,
 Quando hum sabujo, e outro pela escura
 Mata rompendo o valle atraveflava:
 Hum veado arrebenta, que a armadura
 Da frente em varias pontas rematava,
 Bate os fendidos pés, e indo voando
 Por ver quem o seguia pára olhando.

XXXI.

Nas egoas os monteiros apressados,
 Que parece que o vento nasceo dellas,
 Seguros vaõ batendo ambos os lados
 Co's rayos de agudissimas estrellas:
 Nos valles, e nos montes impinados
 Mil voltas davaõ nas seguras sellas,
 Monte, filhos, e cova conhecida
 As feras deixaõ por fugir co' a vida,

XXXII.

Cansada á egua Gorgoris levava,
 E n'um ginete Hispano se subia,
 Este o chaõ taõ veloz atropellava,
 Que mostra que voava, e naõ corria:
 Co' as maõs ferradas, que no ar dobrava,
 Taõ ligeiro, e taõ forte o chaõ batia,
 Que desafia os ventos, e parece
 Que co' pezo que leva entoberbece.

XXXIII.

Foyse cerrando o ar, foyse cobrindo
 De nevoa grossa, o cervo amedrontado
 Por hum valle, e outro valle sacodindo
 Os pés, apenas piza o verde prado:
 Chega a hum precipiçõ, alli cahindo
 Co' furor da carreira arrebatado,
 N'uma perna do alto juntamente
 Cahe afferrado de hum libréo valente.

XXXIV.

Este o veyo seguindo, que animoso,
 Vendo-o cansado, fortemente afferra,
 O caminho descendo alto, e fragoso
 Detendo-o vay, cozendose co' a terra:
 E quando cahe do monte cavernoso,
 Vendose despenhar naõ defafferra,
 Para que a ambos seja desta sorte,
 O perigo commum, commua a morte.

XXXV.

Gorgoris por ferillo a lança erguendo,
 Chegado a ponto de cahir esteve
 C'os pés no precipicio, onde temendo
 O ginete suspenso se deteve,
 E o perigo, e ruína conhecendo,
 Volta em roda no ar, ligeiro, e leve,
 Desfaz a nevoa, e vê no chaõ prostrado
 O libreo forte, e o timido veado.

XXXVI.

Tornava aos seus correndo o monte erguido,
 Que o ginete com leves plantas mede,
 Quando acha hum javali na agua metido,
 Que em sangue mata, e naõ no rio a sede;
 Este alli apertado, alli timido,
 Das lanças, descompondo a forte rede,
 As costas segurando, a testa vira,
 D'um lado n'outro volta ardendo em ira.

XXXVII.

Tasca furiosa escuma, quando fente
 As lanças, esgrimindo o navalhado
 Cutelo de marfim do agudo dente
 Contra os inimigos, que sentia ao lado;
 A vista irada aceza em fogo ardente,
 A cola retorcida, o eriçado
 Cerro das negras sedas encrespadas,
 Qual para a guerra lanças ordenadas.

XXXVIII.

Instando com furor acometiaõ
 Os libreatos mais valentes, que afferravaõ,
 Os fabujos de fóra alto latiaõ,
 As horridas buzinas no ar soavaõ :
 Os monteiros co' as lanças o feriaõ,
 Com que os caens afferrallo se animavaõ,
 Chegaõ, e o que mais chega sahe voando,
 Na ferida as entranhas palpitando.

XXXIX.

Com elle alli envestia o mais famoso
 Libréo, que na pendente orelha afferra,
 A fera ronca, e do marfim lustroso
 Bramindo as meyas luas abre, e cerra :
 Té que de hum bote o caõ forte, e nervoso
 Aberto cahe, tingindo o sangue a terra,
 Onde lançava a espumosa vida
 Envolta em negro sangue da ferida.

XL.

Gorgoris, tendo a lança levantada,
 Duro arremeço faz, dizendo : Nesta
 Verás a morte, e a fronte carregada
 Rompe o ferro amolado, e dura testa :
 Tremendo cahe do golpe ensanguentada
 Sobre seu grande corpo a fera besta,
 A quem com gosto o vencedor levanta,
 E os que espantara viya, morta espanta.

XLI.

Já Gorgoris da caça fatigado,
 Morto o graõ javali, de Chelos dece,
 Monte alto, donde o nome derivado
 De Chellas hoje dura, e permanece:
 Nos valles Caballinos vê prostrado
 O que Ulysses matou, que inda parece
 Que o nome querem conservar comfigo
 Com pouca corrupçaõ do nome antigo.

XLII.

Alli chegou Ulysses, e tornando
 Para a Cidade, goza dos favores
 Da graõ Calypso, em cujo peito brando
 Tanta impressaõ tem feito seus amores:
 Nestes doces cuidados enganando
 Os dias, que entaõ julga por melhores,
 Nota hum sitio eminente, e mais seguro
 Para erguer da Cidade o nobre muro.

XLIII.

C'os seus o caso Ulysses conferia,
 Huns erguer a Cidade lhe approvavaõ,
 Outros votando por diversa via,
 Fundar os novos muros reprovavaõ:
 Que se erga a graõ Cidade se vencia
 Contra os que pela patria suspiravaõ,
 Que he graõ doçura a com que a patria amiga
 A suave lembrança nos obriga.

XLIV.

Hum grande altar a Jupiter potente,
 Ulysses forma, ante elle se prostrava,
 E coroado de arvore eminente
 Com grande affeito o forte Grego orava:
 Concorre a acompanhallo alegre a gente,
 E cada qual de Baccho coroa
 A ardente taça, e por diversos modos,
 Dando vozes ao Ceo, se alegraõ todos.

XLV.

E da arvore do Sol cingindo as fronte,
 A erguer os novos muros se animavaõ,
 Ao Genio, que habitava aquelles montes,
 E antiga terra, em versos celebravaõ:
 Ao velho Jano as Nayades das fontes,
 Ao graõ Neptuno, e a Eolo libavaõ:
 Toou Jove do alto, e pelo raro
 Ar corre hum resplendor divino, e claro.

XLVI.

Todos com vozes altas vaõ seguindo
 O grande agouro, que no Ceo se via,
 Com duro ferro a dura terra abrindo,
 Que agradecerlhe os golpes parecia:
 Que nome lhe dariaõ conferindo
 A' Cidade fatal, que entaõ nascia,
 Hum lhe chama Ulyssipo, outro a nomea
 Pelo famoso Ulysses Ulysea.

CANTO VII.

XLVII.

Que se chame Ulyſſea concordaraõ,
 Viva Ulyſſea, dizem, glorioſa,
 Quando nos fundamentos, que lançaraõ,
 Couſa deſcobre o Ceo rara, e famoſa:
 Que no templo, que a Pallas levantaraõ,
 Huma cabeça humana portentofa
 Viva nas cores viaõ, e huma eſpada
 Dos poderes do tempo reſervada.

XLVIII.

Hyripilo agoureiro Ulyſſes chama,
 Que com aſtro divino lhe dizia:
 Aonde eſta cabeça teve a cama,
 Quer Jove erguer mais alta Monarchia:
 Aqui grandes varoens de eterna fama,
 Além dos termos, que preſcreve o dia,
 Faraõ que no Univerſo ſe conheça,
 Que he de Europa Ulyſſea alta cabeça.

XLIX.

Tanto que o cerco repartido eſteve
 Da famoſa Ulyſſea, honra de Marte,
 E o muro, e templo aſſignalado teve,
 Ruas abrindo vay, praças reparte:
 Ferver ſe via a obra em tempo breve,
 E o trabalho exceder modellos, e arte,
 Pelos montes ſe ouvia, donde mora,
 Os golpes repetir Echo ſonora.

Q

Quan

LIX

Quantos robustos braços se veriaõ
 Suar na obra, tendo por suave
 Trabalho o com que os marmores partiaõ,
 Arrastando no carro o peso grave:
 Outros o monte, e bosque alto feriaõ,
 Donde a pesada pedra, e grossa trave
 Deisce, que ao templo, e muro se accomoda,
 Pelo artificio da voluvel roda.

LX

Este a lenha do monte ás costas passa
 Ao fogo intenso, que arde, outro trabalha
 Fazendo a dura terra em molle massa
 Para a cozer na fervida fornalha:
 Qual porque sirva na soberba trassa,
 A pedra pule, e a coluna entalha,
 E outro sobre a porta levantada
 A cornija accomoda carregada.

LXI

Como se na obra Dedalo assistira,
 Com graõ cuidado, e graõ fervor se obrava,
 Cada hum succede no trabalho, e tira
 O carro, que gemendo atravessava:
 Quem vê o muro, com razaõ se admira
 Como huma pedra, e outra assim quadrava;
 Que representa a obra illustre, e rara,
 Que a cithara Thebana edificara.

LIII.

Já se viaõ crescendo erguer seguros
 A testa altiva os muros levantados,
 Rompendo com a grandeza os ares puros,
 Das correntes do Tejo rodeados:
 Ameaçando do alto os fortes muros,
 De lustrosas ameas coroados,
 (Sobre o tanque do Oceano profundo)
 As coroas do velho, e novo mundo.

LIV.

Vendo o carro do Sol na mór altura,
 Do suave trabalho se apartava
 Ulysses, e onde a vea doce, e pura
 Suas amenas prayas beija, e lava:
 N'huma lapa, que abrio na rocha dura,
 Que a repouso, e descanso convidava,
 Entra para entregar-se ao sono lento,
 E dar hum breve alivio ao pensamento.

LV.

Neste rochedo grande porta abria
 O rio, que ovas pardas pendurando,
 Como de natural tapeçaria,
 Vay a Neptuno alcobas adornando:
 Que em lugar de prezada laçaria
 A rocha pouco a pouco foy limando,
 Que as pedras gasta da agua o molle dente
 Co' a força naõ, mas co' ferir frequente.

LVI.

Mostrava nesta rustica bruteza
 Exceder os burís de arte melhores,
 Onde, como zombando, a natureza
 Entalhou pedras de fútis labores :
 Hum arco se formava de grandeza
 Estranha, onde a caverna dos ardores
 Do Sol não offendida, a mais suaves
 Sonos dava lugar nas horas graves.

LVII.

D'entre as pedras em gotas distillada
 A fonte, em puras lagrimas descendo,
 Está fíes de prata congelada,
 Para enfiar as pérolas, vertendo :
 No chaõ em partes a agua reprezada
 Por labyrinthos de crystal correndo,
 Meandros fórma, e pela molle fralda
 Com vidros cobre musgos d'etmeraldá.

LVIII.

No tempo era, que o Sol mais abrazado
 Exhalava no ar flammás ardentes,
 Quando sua pompa exangues pelo prado
 Cahindo inclinaõ as flores excellentes :
 E quando rumiando o manso gado
 As sombras busca, e liquidas correntes,
 Bordava a ardente luz de Apollo louro
 De Nemeo leaõ a pelle d'ouro.

LIX.

Ouvindo o canto das lascivas aves,
 Que o ar suave enchiaõ de harmonia,
 E o murmurar da fonte, que nas graves
 Pedras quebrando seu crystal rompia:
 E com o sopro das leves, e suaves
 Auras, que as verdes folhas revolvía,
 Entre as humidas azas de Morfeo
 D'alma os graves cuidados suspendeo.

LX.

No mais fundo do Tejo hum sumptuoso
 Palacio o Rio habita, de luzentes
 Cafiras, e crystal puro, e lustroso,
 Que as paredes faziaõ transparentes:
 Aqui foy avisado o Tejo undoso,
 Que junto de suas liquidas correntes
 Ulysses n'uma lapa repousava,
 E logo o centro pelo ver deixava.

LXI.

Manda hum Tritaõ, que do humido aposento
 De escamas d'ouro lucidas vestido
 Sahindo fora, dê sonoro alento
 Com a negra boca a hum buzio retorcido:
 Voa nas azas do ligeiro vento
 O som por varias partes repetido,
 Deixaõ as naturaes concavidades
 Para acodir ás humidas deidades.

LXII.

De vestes roçagantes, e luzidas
 De hum crystal molle, e molles esmeraldas
 Hum sahe vestido, e outro guarnecidas
 De escamas d'ouro as nitidas espaldas:
 Outros camisas brancas tem vestidas
 De congelada escuma, e nas grinaldas,
 As Ninfas vaõ aljofar enlaçando
 No coral fino, em suas ondas brando.

LXIII.

Chegaõ aonde o Tejo os esperava
 N'um folio altivo, claro, e preeminente
 Na sala, cujo tecto carregava
 Em colunas de massa transparente:
 Alli sobre urnas de ouro se encoitava,
 Sahindo de cada huma huma corrente,
 Por fallarlhe a cabeça sacudia,
 E o chaõ de aljofre, e perolas cobria.

LXIV.

Contalhe como Ulysses he chegado,
 E á Lusitania hum seculo famoso,
 Em que ha de ser do Tejo subjugado
 De ambas as Thetis o temido esposo:
 Que quer ir visitallo acompanhado
 Das deidades do rio caudaloso,
 Todos o approvaõ, e elle nesse instante
 Os passos move, os deoses vaõ diante.

Pizando

LXV.

Pizando sahe as humidas areas
 O velho Rio, n'uma verde cana
 Arrimado, entre o coro das Nereas,
 Coroado de junco, e de espadana:
 As Nayades famosas, e as Napeas,
 Descem das fontes, donde o Tejo mana,
 Vaõ com elle as Oreades, e as Drias,
 E a verde alma das plantas Amadrias.

LXVI.

Mil vezes salve, ó Ulysses venturoso,
 Ao sabio Grego diz o antigo Rio,
 Que este porto será por ti famoso,
 Da plaga Austral além do Norte frio:
 Quando os peixes de prata, e mar furioso
 Reconheçaõ meu largo senhorio,
 Quando vencedor pize o Tejo ufano
 A cerviz dura ao tumido Oceano.

LXVII.

Ergue a nobre Cidade, e não te espante
 O graõ furor de Gorgoris valente,
 Por minhas ondas passarás avante,
 Onde armas acharás, e ousada gente:
 Eu por guia te irey sempre diante,
 Humilhando esta tumida corrente,
 Que quando este ditoso pezo a opprima,
 Correráõ minhas ondas para cima.

Man-

LXVIII.

Mandou entaõ o Rio venerando
 A Legea, que toque a doce lira,
 E o suave instrumento acompanhando
 Com a branda voz, que o Ceo, e a terra admira:
 Reconte a profecia, que cantando
 Os segredos do fado, a Protheo ouvira,
 Como abriria á Lusitana gente
 O mar té as roxas portas do Oriente.

LXIX.

Ella obedece, e c'uma graça estranha
 Poem a animada neve no instrumento,
 A que com a voz angelica acompanha,
 Cessou nas folhas escondido o vento:
 Naõ podendo caber cousa tamanha,
 Se naõ for n'um divino pensamento,
 E o que a Protheo ouvira, referia
 Cantando a bella Ninfa, e assim dizia.

LXX.

Entre os segredos da futura idade
 Grande gloria te espera, ó Tejo ufano,
 Quando os muros erguer da graõ Cidade
 Em tuas margens hum Grego soberano:
 Em cujo imperio, e eterna magestade
 Depois do mar de Atlante, e do Oceano
 Se ha de ver o mar roxo navegado,
 Perdendo a cor vermelha de enfiado.

LXXI.

Tomando o quinto Affonso bellicoso
 Na Regia mão do Reyno a redea leve,
 E achando aquelle coração famoso
 O Lusitano imperio estreito, e breve:
 As vellas dando ao mar tempestuoso,
 Já co's mares Atlanticos se atreve,
 Verá a ultima terra, aonde viviaõ
 Tres irmaõs, que de hum olho se serviaõ.

LXXII.

Depois do Infante Henrique com valente
 Coração vencer de Africa os ardores,
 Arguim, e as ilhas Garças juntamente,
 E os da ferra Leoa habitadores,
 Vencendo de Guiné o Sol ardente,
 Descobre as grandes ilhas dos Açores,
 Porque sejaõ do imperio Lusitano
 Limite o Ceo, e as ondas do Oceano.

LXXIII.

Virá o graõ Manoel esclarecido,
 Que com grossas armadas sollicita
 Hum, e outro Neptuno, onde atrevido
 O quinto Affonso, e grande Henrique imita:
 Este, que por valor será temido,
 Em quanto hum, e outro Sol com a luz visita,
 Fará que os Portuguezes vaõ subindo
 Até as fontes beber do Gange, e Indo.

Dei.

LXXIV.

Deixando subjugada a Barbaria,
 Onde se vê o Ethiope abrazado,
 Porque o carro do Sol o filho guia
 Por caminho do Ceo menos trilhado:
 E os que do lago bebem a agua fria,
 Donde o Azanaga corre ao mar salgado,
 E os que de Zaire vem mudar o estilo,
 Rico das aguas, que lhe empresta o Nilo.

LXXV.

Como quem gloria só procura, e ama,
 Não temerá mandar a forte gente,
 Com que os mares cortando o forte Gama,
 Abre as fechadas portas do Oriente:
 O cabo tormentorio de alta fama,
 Que esta naval affronta não consente,
 Humilhará suas ondas, e braveza
 A's forças, e á fortuna Portugueza.

LXXVI.

Victorioso o Gama illustre paça,
 Vencendo os elementos, e vencendo
 As perfidias, e enganos que em Mombaça
 O Rey astutamente irá tecendo:
 Debaixo a Equinocial, que o mundo abraça,
 Verá Melinde na Ethiopia ardendo,
 Fazendose temer da negra gente
 Abrazada do fogo do eixo ardente.

LXXVII.

Já neste tempo as metas, que o Thebano
 Alcides poz aos mares arrogantes,
 Seraõ fabula vil, que do Oceano
 Descobrem mais os Lusos navegantes:
 Quando com furor alto, e mais que humano
 Seus lenhos terras nunca vistas d'antes
 Descobriráõ do Austro á Noruega,
 Onde o Sol arde, e donde nunca chega.

LXXVIII.

Levarás tu primeiro, ó forte Gama,
 As Lusitanas Quinas, e as antenas
 Taõ longe, que da vista as perde a fama,
 Que tantos olhos tem, e tantas pēnas:
 Onde hum perpetuo Estio o mundo inflāma,
 E Cynthia faz as noites mais pequenas,
 Té os hyperboreos frios pouco estimas
 Passar, emulo ao Sol, por varios climas.

LXXIX.

Irá logo o Cabral varaõ famoso,
 Ver do Brasil a costa prolongada,
 Onde hum trofeo levanta glorioso,
 Em que deixa sua fama eternizada:
 O mar irá cortando victorioso,
 Té ver de Moçambique a desejada
 Costa, vencendo o largo mar, que abraça
 A viçosa Quiloa com Mombaça.

LXXX.

Vencido o mar vermelho, vence o duro
 Inimigo, que finge ser amigo,
 Mancha em seu bruto sangue o ferro puro
 De sua graõ perfidia igual castigo:
 Podendo ver no derrubado muro,
 Que era melhor amigo que inimigo;
 Fará em Cochim em paz a nobre escala,
 Abrindo o ignoto porto de Cofala.

LXXXI.

A este o grande Novoa irá seguindo,
 Que os seyos Persio, e Arabico passando
 De Calecut as naos, que estaõ cobrindo
 A costa Malabar, vay destroçando:
 Com quatro sós a cento resistindo,
 Parte mete no fundo, e outras tomando
 Té lhe fugir o inimigo de affrontado
 Do Portuguez já de vencer cansado.

LXXXII.

Quanto convém que sejaõ preferidos
 Para os cargos da guerra os esforçados,
 Que ao valor os lugares saõ devidos
 Para os que em obras qnerem ser honrados:
 Os que veñ do alto tronco, se esquecidos
 Do herdado exemplo estaõ de seus passados,
 Que a virtude abraçaraõ preeminente,
 Roubaõ lugar alheyo injustamente.

Que

LXXXIII.

Que montaõ os leoens, as aguias puras,
 Com que a soberba espera eternizarte?
 Que montaõ atrios, carros, e pinturas,
 Se quer a ignavia nellas gloriarse?
 Que as fumosas imagens, as figuras,
 De que a vangloria sabe namorarse,
 Affrontaõ os que imbelles encostados
 No tronco antigo estaõ de seus passados.

LXXXIV.

Tornará o forte Gama, já Almirante,
 A ver da Persia os procellosos mares,
 Levando o Rey de Calecut diante,
 Vencido entre o furor dos Malabares:
 Onde com o de Cochim a paz constante
 Assentará em seus postos, e lugares,
 Trazendo o graõ tributo, que a Lisboa
 A ElRey seu Senhor manda o de Quiloa.

LXXXV.

Do primeiro Albuquerque a forte espada
 Em favor de Cochim na dura guerra
 Temerá o Caymal, que debellada
 Virá igualar a Repelim com a terra:
 Vendo n'hum mesmo tempo derrubada
 Quanta no Camorim força se encerra,
 Que entre os dous Albuquerquees não duvida
 Perder além do estado a propria vida.

LXXXVI.

Honraraõ seu sepulchro os levantados
 Trofeos, insignias de invejada gloria,
 As bandeiras pendentes, os gravados
 Arnezes, onde vive alta memoria:
 As taboas dos navios abrazados,
 Portas, chaves, tambores de victoria,
 Espadas inimigas penduradas,
 A' mefma eternidade confagradas.

LXXXVII.

Irá fazer aguada o graõ Saldanha
 No tormentorio cabo, e costa ardente;
 Dando seu mefmo nome á terra estranha;
 Que nella ha de durar eternamente:
 A quem com as fortes armas acompanha
 Contra os da India, e Camorim potente
 O graõ Pacheco, que com a espada nua
 A fama de seu Rey estende, e a fua.

LXXXVIII.

De fortes paraós com dura guerra
 Mambeja cubrirá de naval muro
 O estreito passo, e de esquadroens a terrá
 C'os Reys de Cucuraõ, e de Bipuro,
 Descendo o Rey de Catagém da ferra
 De Coriga, e Tanor com braço duro,
 Todos confederados, e de modo,
 Que os podéra temer o mundo todo.

Nada

LXXXIX.

Nada teme o Pacheco, nada o espanta,
 Podendo toda a India só temello,
 Com pouca gente se arremessa a quanta
 Virá na terra, e mar a acometello:
 Sahindo hum trovaõ negro da garganta
 Bramindo pela boca de hum camello,
 Os paraós destroça, onde o espumoso
 Neptuno ardendo entrava furioso.

XC.

Dos castellos, e popas torreadas
 As duras settas despedidas voaõ,
 De tambores, e trompas as dobradas
 Vozes nos ares repetidas soaõ:
 Voaõ dardos, e chuças amoladas,
 Soberbos golpes todo o mar atroaõ,
 Hum cahe atraveßado, e outro exangue
 Nas ondas nada de seu proprio sangue.

XCI.

Qual morto cahe as ondas penetrando,
 Crescendo o mar co' sangue da ferida,
 E qual nellas absorto anda nadando
 Por á morte escapar, que tem bebida:
 Qual no remo se pega, e vay trepando,
 E esforçandose está para a subida,
 E cahe ferido do pelouro ardente,
 Deixando a vida, e remo juntamente.

XCII.

Eis que do bronze concavo incendiado
 Rebenta o pó sulfureo abrazado,
 Que dando no ar asperrimo bramido,
 Na abobada do Ceo responde o brado:
 Voa o pelouro em flammaz escondido,
 Qual o rayo de Jupiter irado,
 Que de Tyfeo a grande furia imita,
 Quando as pedras ardendo ao ar vomita.

XCIII.

Virá segunda vez este inimigo,
 Cometer com mais velas, e mais gente
 O mesmo vao, não tendo mais consigo,
 Que só a si mesmo, o Capitão valente:
 Entra com dous bateis neste perigo,
 Pasma em vello o inimigo, e já se sente;
 Que tem posta a esperança na fugida
 Por não deixar antes do passo a vida.

XCIV.

O' Alcides Lusitano, honra de Hespanha,
 Digno de eterna, e soberana historia,
 A que o trabalho proprio, e terra estranha
 O fructo rendem de invejada gloria:
 A patria, a quem tu dás honra tamanha,
 E ao mundo, onde espalhaſte tua memoria;
 Exemplo, e espelho deixas, onde veja,
 Que alta virtude dá por fructo inveja.

Qual

XCIV.

Nasce, dizia, hum resplendor divino
 Do Almeida, e seu braço soberano,
 Quando dos Reys castiga o desatino
 De Mombaça, e de Onor com mortal dano:
 Que o de Cochim no folio peregrino
 Com braço, e peito assenta mais que humano:
 Primeiro Visorrey, por elle vejo
 Chorar perlas o Ganges, e o patrio Tejo.

XCVI.

Com elle irá Lourenço valeroso,
 Que do valor do pay segue as pizadas,
 Que deixará em Cochim o alto, e famoso
 Padraõ com as Quinas de ouro levantadas,
 Onde hum sepulchro, e outro portentoso
 Descobrirá, que as fabulas sonhadas
 Ensinão com rumor, e fama escura
 Ser dos primeiros pays a sepultura.

XCVII.

Mas em Chaul a imiga, e dura forte,
 Que durar hum bem grande não consente,
 Lhe dá entre as lanças a formosa morte,
 Que invejada será perpetuamente,
 Rompelhe a forte bala o peito forte,
 Levandolhe huma perna hum rayo ardente
 Do corpo, aonde a alma se detinha,
 Que só ao coração por armas tinha.

XCVIII.

Porém o velho pay, a quem não cança
 O exercicio do sanguineo Marte,
 De Dabul tomará cruel vingança,
 Onde levanta o bellico estandarte:
 Queima, por terra poem, e não descança,
 Té que o fogo se atea em toda a parte,
 Tudo effeitos crueis de forte rayo,
 De que encolhido treme o graõ Sabayo.

XCIX.

Mirocem, que nas forças atrevido
 De armadas galés, e bellico aparelho
 Se atreve a resistir, foge vencido,
 E o mar d'antes azul fará vermelho:
 Onde as bandeiras do Sultaõ temido
 Piza com as plantas o valente velho,
 A quem guarda depois a terra dura
 Do Cabo a estranha, e iniqua sepultura.

C.

Logo o famoso Affonso o mar cubrindo
 De naos, os Malabares affugenta,
 Do graõ Neptuno as ondas opprimindo,
 Que de seu grave peso já rebenta,
 Levando o Marichal, que á fama abrindo
 Novos caminhos, pela espada augmenta
 A vida, que c'o sangue, que derrama,
 Vencido vence, e vive pela fama.

CI.

Seguindo estes varoens o graõ Soares,
 Temido se fará naquella parte,
 Que Arabia volve os procellosos mares;
 Logo o Siqueira, Lusitano Marte:
 Tremem de Ormuz os muros, e lugares
 Do valor do magnanimo Duarte,
 Que c'o vento das azas, que abre, e ferra
 Sua fama os fortes muros poem por terra.

CII.

Quando o terceiro Joaõ Rey excellente
 Subir ao Real solio, desejando
 Profeguir as victorias do Oriente,
 Do Olympo só os caminhos affectando,
 Mandará o forte Gama taõ valente,
 Que dos annos o peso desprezando
 Comete o mar, sem descubrir fraqueza,
 Que o coração desmente a natureza.

CIII.

Tremerá toda a India só de vello,
 Seu esforço, seu braço, sua fortuna,
 Treme Neptuno, e mostra em fim temello,
 A tempestade indomita, e importuna:
 Porém só o fado poderá vencello,
 Quebrando esta firmissima coluna
 Do novo mundo, aonde descancava
 O peso, que em seus hombros carregava.

CIV.

Succederlheha morrendo o grande Henrique,
 Porque tambem no esforço o represente,
 Que deste Fenix quer o Ceo, que fique
 Outro nas mortas cinzas do Oriente,
 Que em Baticala tantas naos a pique
 Ao centro manda, e rende juntamente,
 Para que o C,amorim se defengane
 Pelejando em Coulete, e em Panane.

CV.

No Malabar a grande fortaleza
 Elle defenderá no estreito paço
 Com Heitor da Silveira, que se preza
 De Lusitano Heitor no forte braço:
 Quando a todos mostrar não ter defeza,
 Os peitos nús, como se foraõ de aço,
 A's mortes exporáõ, e aos móres riscos
 Sem a vista temer dos basiliscos.

CVI.

Da India os mares lavrará o temido
 Sampayo, que com poucos Portuguezes
 Verá desbaratado, e destruido
 O poder do inimigo tantas vezes:
 Sentilloha Bacanor, e o atrevido
 Geral de Bisnagá, que a seus revezes
 Não acha malha, ou elmo, que resista,
 Confessando, que o vence só com a vista.

Aqui

CVII.

Aqui a Ninfa hum pouco levantando
 A voz sonora, diz: Pelo Oceano
 Virá o Cunha illustre navegando,
 Que a Mombaça fará taõ grande dano:
 Vence Cambaya, e a Batel queimando,
 Fará temido o nome Lusitano,
 Que pelos inimigos, que tem morto,
 Dos mortos dará nome ao mesmo porto.

CVIII.

Em Dio a nobre fortaleza erguendo,
 Que o Sultaõ Mahamud com grande inveja
 Quer igualar com a terra, naõ podendo
 Chegar co' forte braço, onde deseja:
 Luas Turquescas chama, que vertendo
 Sangue no mar se poem, e na peleja
 Veraõ nas roxas ondas seus turbantes
 Nadar morrendo os Turcos arrogantes.

CIX.

Irá logo o Noronha, e o novo Gama
 Tomar o leme do famoso Estado,
 Que o irmaõ rega co' sangue, que derrama,
 Que a terra, e Ceo tem ambos conquistado:
 E o grande Martim Affonso, cuja fama
 Fará ao esquecimento ser lembrado
 De sua gloria, que taõ mal se encerra
 Nos espaços do ar, e nos da terra.

Aqui

CX.

Aqui, dizia a Ninfa, he necessario
 Outro peito, outra voz, outra sciencia;
 E que me empreste o plectro o mesmo Clario,
 Pondo em meus beiços favos de eloquencia,
 Para que cante, a quem de marmor Pario
 Estatuas deve a humana providencia,
 Antes estatuas de ouro, e de alabaastro
 O illustre, o pio, o invencivel Castro.

CXI.

Succederás, ó Castro venturoso,
 Em quem de Alcides o valor se encerra,
 Quando o Rey de Cambaya poderoso
 A Dio sitiará por mar, e terra:
 Onde teu mesmo filho valeroso,
 Envolto no furor da dura guerra,
 Piza as bandeiras, onde no ar tremola
 Com as meyas luas a soberba cola.

CXII.

Aqui mudando o canto em lastimado
 Accento triste, a Ninfa proseguia:
 Aqui, mancebo illustre, rodeado
 Dos teus, que haõ de imitarte na ousadia,
 Vendo dar fogo sobre a mina armado
 Renasces, como Fenix, neste dia
 Nas roxas flammaz, onde abriste logo
 Para voar mais alto azas de fogo.

CXIII.

Embraçado o escudo rutilante,
 Vem o famoso Castro com presteza
 A focorrer os seus, elle diante
 Pouco estimando a perigosa empreza,
 Armado sahe de hum animo constante
 Desprezador da vida, e só se preza
 Da alta virtude, que a seu braço unida,
 A India toda o teme, e a faz temida.

CXIV.

Tal preço de sua barba, e tal valia
 Teraõ só dous cabellos, que o thesouro
 Mayor do Sol (que com seus rayos cria
 Nas grandes veas, cujo sangue he ouro)
 Menos estima tem, que a quanto a fria
 Noite esconde, e descobre Apollo louro,
 Tocando o mais remoto paralelo,
 Excede desta barba hum só cabello.

CXV.

Irá o grande Cabral tomar o pezo
 Do novo mundo aberto no Oriente,
 Que a Chambe voa em puro fogo acezo,
 E a terra abraza como rayo ardente:
 Bardelá o sente, onde cercado, e prezo
 Arde o Rey, e com elle a Maura gente,
 E na marinha, e miseras aldeas
 Purpureas torna as pallidas areas,

CXVI.

Logo irá o Noronha, que correndo
 De Ormuz o mar com a poderosa armada;
 A' fortaleza chega, que tremendo
 Cahe de seus fortes rayos abrazada:
 Eufrates de suas naos co' pezo horrendo,
 Oprimido dará por força entrada;
 Que ás Portuguezas armas, e aos intentos
 Obedecem té os proprios elementos.

CXVII.

Quando tremer Malaca da ousadia
 Dos Reys vizinhos, vence a furiosa
 Gente co' duro braço Dom Garcia,
 Tornando imbelle a esquadra bellicosa,
 N'hum barco, aonde em pó Vulcano ardia,
 Sahe pelo ar com força portentosa
 Voando a morte, e leva juntamente
 Ao General, e ao filho a balla ardente.

CXVIII.

Ferve o mar, e já em ondas se levanta
 Todo de branca escuma coroadado
 Co' armada imiga, que só vella espanta
 C'hum lenho, e outro lenho torreado:
 Quando o metal, que os animos quebranta,
 O rayo lança com sonoro brado,
 O inimigo a ousadia em medo troca
 Ouvindo o estrondo da sulfurea boca.

CXIX.

Huma armada com outra a hum tempo aterra
 Prenhe do occulto fogo, que sahindo
 Em negros gyros cobre o mar, e a terra,
 Incendios exhalando, e repetindo;
 A balla voa, que o metal encerra,
 Que nos ares caminho largo abrindo,
 De Jupiter o ardente rayo imita,
 Que huns despedaça, a outros precipita.

CXX.

Voa Vulcano ardente, e com violento
 Estrondo alto bramido, e voz funesta
 Os cornos quebra no ar ao negro vento,
 Quando entre as nuvens ergue a dura testa,
 Treme Neptuno, e sobre o falso argento
 Chama os marinhos deoses, e se apresta,
 Vendo do grande estrondo, e das pezadas
 Ballas as crespas ondas infestadas.

CXXI.

Já se afferraõ as popas diligentes,
 Abrindo o ferro alli sanguinea porta,
 De mil vidas o fio nos ardentes
 Fios de seu cutelo Atropos corta:
 E sobre as rapidissimas correntes
 Nadará tanto sangue, e gente morta,
 Que a quem as vir de roxo sangue cheas
 Pareceráõ as ondas Eritreas.

De-

CXXII.

Depois o largo mar irá cortando
 O forte Mascarenhas, não vencido,
 Por Rey de Visapor alevantando
 O irmaõ á vista do Hidalcaõ temido:
 O graõ Barreto a India governando
 Verá a seu braço o Camorim rendido,
 Que de alto esforço, e de valor deseja
 Encher o mundo, e de gloriosa inveja.

CXXIII.

Tremendo está a fortissima Cidade
 De Mangalor, té as pedras abrazada,
 Onde o Rey com a vida a liberdade
 Deixa nos fios da inimiga espada:
 E o de Cambaya em marcia tempestade
 Verá Manora, e Assarim queimada,
 E o Hidalcaõ fugindo, que a Sallete
 Com vingativas armas acomete.

CXXIV.

Logo irá o famoso Constantino
 Do Real tronco ramo florecente,
 A cujo alto valor, e peregrino
 Será estreito Imperio o do Oriente:
 Dámaõ provando o aço puro, e fino,
 A seu braço se rende, e o potente
 Rey de Janapataõ por maravilha
 A seus pés a corõa, e o sceptro humilha.

CXV.

Logo o grande Coutinho, e o esforçado
 Mendouça, e o graõ Noronha com presteza
 Ergue de seus soldados ajudado
 De Mangalor a nobre fortaleza:
 Aqui o rouco plectro, e já cansado
 A Ninfa despertava com destreza,
 Dando á sonora voz mayor alento,
 Affina as doces cordas do instrumento.

CXXVI.

Virá (diz ella) á India a governalla
 O grande Dom Luiz, rayo da guerra,
 Com cuja vista o mar tremendo calla,
 E em vello treme, e emmudece a terra:
 Este, que a grande fama aos Ceos igualla,
 Lá no monte Parnel queimada a ferra
 Fará o Mogor fugir, pizando a praya
 Da ardentissima costa de Cambaya.

CXXVII.

A Onor debella, que co' a hervada seta
 Em nuvens tolda o ar, com que tirava,
 Dandolhe occasiaõ, que entaõ cometa,
 Porque á sombra das settas pelejava:
 Quando o Rey dos Achens mais inquieta
 Os muros de Malaca, alli se achava
 Dom Leoniz, ou leaõ melhor dislera,
 Que rosto a rosto o inimigo espera.

Este

CXXVIII.

Este famoso Atlante aos hombros tendo
 Da India o peso, vencerá a porfia
 Do Hidalcaõ, que a Goa acometendo,
 Tremerá de sua estranha valentia:
 De cabeças hum grande monte erguendo,
 Estas em carros ao inimigo envia,
 Desterrando a soberba Mauritana
 De Goa até a remota Tapobrana.

CXXIX.

O' patria insigne, ó terra venturosa,
 Ditoso Rey de taõ altiva gente,
 Que em toda a parte a esfera luminosa,
 Onde he mais fria, e onde mais ardente,
 Vê a Lusitana espada victoriosa,
 Que hum Portuguez fugido, e descontente
 Bastará a revolver o mar profundo,
 E abrir nelle caminho a hum novo mundo.

CXXX.

Que terra taõ remota, e taõ estranha,
 E qual no mar vermelho procelloso
 Inculta Ilha, em Scithia alta montanha,
 Na Ethiopia deserto perigoso:
 Qual regiaõ Boreal, que a neve banha,
 Onde da fama, e seu clarim famoso
 (Além do berço, em que se iguala o dia)
 Não chega o som de tanta valentia.

CXXXI.

O Alfeo, o Pó, o Garona, o graõ Sylauro,
 Que as arvores em duras pedras troca,
 O Eufrates, Danubio, Arno, e Metauro,
 E o Ganges, que do Sol as plantas toca,
 Caistro, Ermo, Pactolo, Amphrifo, e Dauro,
 E o Nilo, que entra ao mar por tanta boca,
 E os mais, que callo, ajoelhados vejo
 Esperar. santas leys do antigo Tejo.

CXXXII.

Ouve o Tejo a Legea o doce canto,
 E antes de se ir ás ondas, onde mora,
 De grande gloria cheyo, e grande espanto
 Do que ouvira cantar pérolas chora,
 Inclina ao Grego a branda vista, em quanto
 Com lingua de agua fórma voz sonora,
 E estas palavras mysteriosas falla:
 O' eu ditoso, ó tu ditoso; e calla.

CXXXIII.

A Ulysses deixa o venerando, e velho
 Rio, de altas riquezas abundante,
 Ao lado os rios vaõ de seu conselho,
 Os mais pequenos rios vaõ diante:
 Nas ondas claras, qual em claro espelho,
 Via Febo seu carro rutilante,
 As Nayades, e Oreas para as fontes
 Se tornaõ, as Amadrias a seus montes.

CXXXIV.

Desperta Ulysses, indo levantando
 Os olhos quasi absorto, e sem sentido
 Ergue-se, a gruta observa, a côr mudando
 Co' sangue a seu principio recolhido:
 Como aquelle, que incauto passeando,
 Vio cahir junto a si rayo encendido,
 Assim Ulysses fica, assim se admira
 Do grave canto, que a Legea ouvira.

CXXXV.

Levanta as sobranceiras admirado,
 Repetindo o que a Ninfa lhe dissera,
 E o que inda em sombras lhe escondia o fado;
 Com profundo cuidado considera:
 Chega ás primeiras ondas do dourado
 Tejo, e ajoelhado alli o venera,
 Toca a agua com as mãos, a voz levanta,
 Hymnos ao Tejo, e seus louvores canta.



ARGUMENTO

DO OITAVO CANTO.

A Gorgoris Megera o peito inflãma,
 Guerra com tuba horrifona apregoa,
 Adraſto a Ulyſſes, que elle amou por fama,
 Soccorro dá por defender Lisboa:
 Apaga o Tejo a voadora chũma,
 Que ás naos ſe pega, e do alto chove, e toa,
 Gorgoris ſe recolhe, e a Aurora abrindo
 O Ceo, de armas o campo vem cobrindo.

I.

QUando o muro de ameas coroado
 Da famosa Ulyſſea ao ar ſe erguia,
 Correo hũ reſplendor ao dextro lado,
 Que clara luz nos ares diffundia:
 Gorgoris do que vê maravillhado,
 Sabios convoca, o caſo conferia,
 Até que de cansado em ſono lento
 Faz tregoaſ co' cuidado, e pensamento.

Em

II.

Em tanto Circe, que na mente altiva
 Os successos de Ulysses observava,
 Vendo, que de Calypso a chãma viva
 Amor pelas medullas lhe ateava:
 Com excessivo amor, dor excessiva
 Os sepultados fogos despertava,
 A Tesifone invoca, da vingança
 Concebendo certissima esperança.

III.

Vós, espiritos, diz, que no escondido
 Tartaro repartís a pena dura,
 Ouvime, e o curso rápido, e temido
 Pare da Estige envolta em sombra escura:
 O favor me darás taõ merecido
 Tesifone, pois vi do Sol a pura
 Face em teus braços, cuja mão divina
 Exercitou o officio de Lucina.

IV.

Se bem tu, deosa amiga, me ensinaste
 Os trabalhos do Sol, e o movimento,
 De Febe os incrementos me mostraste,
 E o que mais em si esconde o Firmamento:
 Pois como mãy, ó deosa, me creaste,
 Vê de Ulysses o ingrato pensamento,
 Da-lhe o duro castigo, que merece,
 Acode ao mal, que co' a tardança crece.

V.

Quando Cynthia nos campos de çafira
 Os seus diamantes lucidos semea,
 A Gorgoris dormindo n'alma inspira
 De Ulysses, e Calypso a culpa fea:
 A furia, que de Circe a queixa ouvira,
 A rapida corrente, a inculca area
 (Obrigada do encanto, que a chamava)
 Das margens deixa, que o Cocyto lava.

VI.

Ella junto da praya desgrenhada
 A's cobras da cabeça permittia
 Lamber as tristes ondas da abrazada
 Ribeira; que de enxofre as revolvia:
 Não sahe da mão de Jove a setta irada
 Com a presa, que Tififone sahia,
 Que com a pompa das cobras o horizonte
 Vinha aslombando da cerulea fronte.

VII.

Sahe da Tenaria porta, onde chegaraõ
 Os cavallos do Sol, e estremeceraõ,
 De fumo o ar enchendo perturbaraõ
 Os ares, o caminho, e luz perderaõ:
 Os cabellos de Atlante se eriçaraõ,
 E nos robustos hombrcs lhe tremeraõ
 Os estrellados eixos, que os aslombra
 Do feyo rosto a denegrída fombra.

VIII.

De espantado largava o graõ Gigante
 O alto pezo da esfera crystallina,
 E arriscando o estellifero Tonante,
 Ameaçava o Ceo grave ruina:
 E o velho Proteo co' rebanho errante
 No mais fundo do pego determina
 Ir esconderse nas cavernas, onde
 Os segredos do mar Neptuno esconde.

IX.

Tornando o Tejo atraz, os levantados
 Muros batendo vay da alta Lisboa,
 A ferra Mariana os congelados
 Cornos facode, e delles chove, e toa;
 Ao Mondego em rodeos dilatados
 Cahe da cabeça a liquida coroa,
 E ao Douro o medo frio os braços ata
 Nos puros laços da lasciva prata.

X.

Sentio nos grossos ares o ruído
 O Pachino, o Peloro, o Cassio monte,
 De ambos os mares o Istmo combatido
 Se quiz abrir ao mar, que tem defronte:
 Temeo Pirene, e o Rifeo temido,
 Rodope altivo, e a Parnasia fonte,
 E as mãys, onde os gemidos penetraraõ,
 Ao peito os tenros filhos apertaraõ.

A terra

XI

A terra toda, o mar, por onde passa,
 Inficionados deixa, e já se sente
 A pallida doença, a fome escassa,
 E até nas mesmas fontes sede ardente:
 Igual a morte a todos tudo abraça
 O ar pezado, negro, e pestilente
 Seu torpe alento faz, que tudo offende,
 E dando huma mão n'outra fogo accende!

XII

Pára no monte Almata, onde semea
 A discórdia fatal, que arder se via
 Nos duros defensores de Ulysséa,
 E em quem seus novos muros offendia:
 Té os boys, que o lavrador na propria aldeia
 Vendo a manhã sahir, no jugo unia,
 Renovando o trabalho começado,
 O jugo rompem sem soffrer o arado.

XIII.

Em tanto a furia hum corpo do ar tomando;
 No silencio da noite escura entrava
 N'um aposento, adonde repousando
 Em alto sono a Gorgoris achava:
 Huma grave, e severa voz formando,
 Com barba, que no peito descansava,
 N'um bordão arrimada, que trazia,
 Meneando a cabeça lhe dizia.

XIV.

Dormes, valente Rey, taõ pouco sentes
 Que te occupe o inimigo a propria terra
 Sendo opprimido de estrangeiras gentes!
 Quem dorme ao proprio dano os olhos cerra:
 Naõ dormem, nem descansãõ Reys prudentes,
 Desterre ao ocio vil a honrosa guerra,
 Melhor parecerias abraçado
 O escudo, scintillando o arnez gravado.

XV.

Cinge, graõ Rey, a generosa espada,
 Que em ocio tens, podendo ser temida;
 Abre a porta, que Jano tem cerrada,
 Do Olympo segue a estrada esclarecida:
 Por Calypso tua fama está manchada,
 Depois de fama, e honra estar perdida
 Naõ fica que perder, que esta jaçtura
 Ao tempo vence, e eternamente dura.

XVI

Eu sou Polibio, que no tempo antigo
 De Capitaõ servia a teus mayores,
 Para outra vez poder morrer contigo
 Corpo melhor tomey, forças melhores:
 E para te ajudar neste perigo
 Da sepultura teus predecessores
 Verás sahir com animos altivos,
 Que os mortos se erguem, quando faltaõ vivos.

XVII.

Gorgoris já desperto, e do que ouvira
 No coração fogoso, e vista ardendo,
 Imaginando estava, se he mentira,
 Ou illusão do sonho o que está vendo:
 Naquella parte, onde a Polibio vira,
 Os olhos, e alma prompta suspendendo,
 Erguia o pavilhaõ, e observa attento
 As paredes, e sombras do aposento.

XVIII.

Com ardente pincel de resplandores
 Apenas a alva as sombras animava
 Das nuvens, que pintara em varias cores,
 Pela parte mais rara o Sol passava:
 Luz ao Ceo, cõr ao prado, vida ás flores
 Sahindo, ardendo, e rociando dava:
 Quando Gorgoris deixa a branda cama,
 E os mais prudentes a conselho chama,

XIX.

Que huma visãõ, dizia, prodigiosa
 Aquella noite toda o perseguira,
 E que com voz pezada, e temerosa
 Seu descuido, e tardança lhe arguira:
 Botando pela vista portentosa,
 E pela negra boca fogo, e ira,
 Que a alma lhe deixou taõ perturbada,
 Que a affronta inda não cuida, que he passada.

Pro

XX.

Propondo o caso a todos , referia
 Como o sagaz Ulysses o enganara
 Por levantar com manha , e ousadia
 O muro , onde se acolhe , e se repara :
 Cada hum. tira do peito o que sentia ,
 Pela patria offerece a vida cara ,
 Varias conselhos daõ por varios modos ;
 Que a Cidade se arraze assentaõ todos.

XXI.

Porém , que antes de tudo se mandasse
 Alcino, Cidadãõ prudente, e velho,
 Que os motivos da guerra declarasse,
 E o que tinha assentado em seu conselho;
 Que Gorgoris em tanto preparasse
 Armas com todo o bellico aparelho :
 Partio Alcino , que de Ulysses teve
 Reposta ao que propoz , astuta , e breve.

XXII.

Depois de o ter ouvido , carregando
 A frente , proseguia gravemente :
 Que alli fizera assento desejando
 Fazer vassallos seus a Grega gente :
 Que os perigos dos mares receando,
 Para o poder servir perpetuamente
 Quizera ter morada , em que vivesse,
 Onde de sua patria se esquece sse.

XXXIII.

Que as leys o permittiaõ da amizade,
 E obrigavaõ as leys da natureza
 Dar hospicio, e favor, dar liberdade,
 Que de hum Rey he mais propria esta grandeza;
 Se com tudo offendia huma Cidade
 Breve, estreita, sem força, e sem defeza,
 Que facil abrazalla lhe seria,
 Se o fado esta ruina permittia.

XXIV.

Que visse como a caso naõ tomara
 Porto, mas por impulso mais que humano
 A fereza dos ventos contrastara
 No bravo Egeo, e tumido Oceano:
 E lhe lembrasse a luz divina, e clara,
 Que o ar abrio, por Jove soberano
 Querem mostrar, que no ethereo assento
 De Lisboa approyava o nascimento.

XXV.

Gorgoris, que a reposta considera,
 Com a gente ao campo sahe, que armada tinha;
 Porém a Ulysses o animo lhe altera,
 Porque em buscar soccorro se detinha:
 Vê sua pouca gente, e naõ espera,
 Para antiga Tubuci em fim caminha,
 Aonde o Rey Adrasto senhorea
 A famosa Colipo, e grande Amea.

Con

XXVI.

Com poucos companheiros se partia
 Em huma embarcaçãõ leve, e pequena,
 Que mais pequena, e leve parecia
 Ao doce Tejo, e sua corrente amena,
 Que tanto estima o pezo, que corria
 Com veyta taõ suave, e taõ serena,
 Que a prompta vista mal determinava
 Para que parte o Tejo caminhava.

XXVII.

Chega a Tubuci a tempo, que occupado
 Adrasto em sacrificio sumptuoso,
 Entre hum bosque de hum valle consagrado
 Altares ergue a Alcides valeroso:
 E vendo tudo de armas povoado,
 Manda a seu filho, que do porto undoso
 A area toque a se informar da gente
 Da sua em traje, e armas diferente.

XXVIII.

Vendo Filarco a Ulysses, e sabendo
 Quem era, dalhe os braços, e comsigo
 O leva ao pay, que alegre recebendo
 O grande hospede, o honrava, como amigo;
 A quem pelloa, e terra offerecendo,
 Estou, lhe diz, n'hum sacrificio antigo,
 Que naõ posso deixar; e ambos tomavaõ
 Copas, que a Jove, e a Hercules libavaõ.

XXIX.

Contalhe , que esta festa celebravaõ
 Os povos , que alli juntos concorriaõ,
 Que de Alcides a fama , e gloria honravaõ
 Com as grandes aras , que a seu nome erguiaõ,
 Porque entre as cousas , que por fama achavaõ,
 Era a de huma victoria , que diziaõ,
 Que Alcides alcançara de hum tyrano,
 Que devastara o Reyno Lusitano.

XXX.

Chamavase (diz elle) Pithodemo,
 De grandes forças , lutador famoso,
 Que em membros excedia a Polifemo ,
 Temerario igualmente , e temeroso :
 Este junto do mar no duro extremo
 D'hum monte , que sustenta o luminoso
 Olympo , n'huma gruta se escondera,
 Que capaz aposento aos roubos era.

XXXI.

Fez hum jardim famoso , que igualava
 O que já n'outro tempo Hesperia tinha,
 Onde os pomos hum rio , que passava
 Com brandas aguas , sustentando vinha :
 Alcides , que maçans no rio achava ,
 Por sua margem fresca alto caminha,
 A ver aquelles pomos , que cahiaõ,
 Em que terreno , em que jardim nasciaõ.